



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO**

VINICIUS ALEXSANDER SANTOS

AS TRADIÇÕES NAS REPÚBLICAS FEDERAIS ESTUDANTIS:
um estudo de caso da proposta de patrimonialização do “modo de vida republicano” na
cidade de Ouro Preto – MG

OURO PRETO – MG
Março de 2023

VINICIUS ALEXSANDER SANTOS

AS TRADIÇÕES NAS REPÚBLICAS FEDERAIS ESTUDANTIS:

Um estudo de caso da proposta de patrimonialização do “modo de vida republicano” na cidade de Ouro Preto – MG

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Carmo Pires

OURO PRETO – MG

Março de 2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S237t Santos, Vinicius Alexsander.

As tradições nas repúblicas federais estudantis [manuscrito]: um estudo de caso da proposta de patrimonialização do “modo de vida republicano” na cidade de Ouro Preto - MG. / Vinicius Alexsander Santos. - 2023.

85 f.: il.: color., gráf., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Carmo Pires.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Turismo .

1. Habitação de estudantes - Tradição (Filosofia) - Ouro Preto (MG). 2. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). 3. Patrimônio cultural. 4. Habitação de estudantes - Estilo de vida - Ouro Preto (MG). 5. Universidade Federal de Ouro Preto - Habitação de estudantes. I. Pires, Maria do Carmo. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 338.48

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Vinicius Alexsander Santos

As Tradições nas Repúblicas Federais Estudantis:

Um estudo de caso da proposta de patrimonialização do "modo de vida republicano" na cidade de Ouro Preto - MG

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo

Aprovada em 31 de março de 2023

Membros da banca

[Doutora] - Maria do Carmo Pires - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto

[Doutora] - Luana Melo e Silva - Universidade Federal de Ouro Preto

[Doutora] - Kerley dos Santos Alves - Universidade Federal de Ouro Preto

Maria do Carmo Pires, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 02/04/2023



Documento assinado eletronicamente por **Maria do Carmo Pires, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 02/04/2023, às 23:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0502880** e o código CRC **C8DBB699**.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer, principalmente, a duas pessoas, pois sem o seu apoio e o suporte durante toda a minha vida eu não chegaria a lugar nenhum e muito menos teria alguma perspectiva de um futuro. Essa homenagem é para a minha mãe, Kênia dos Santos, e para o meu pai, Adilson Melo dos Santos. Graças a essas pessoas tão especiais, finalmente, realizei uma parte do meu sonho de me formar para poder contribuir com um futuro melhor para eles.

Em segundo lugar, desejo agradecer aos professores Marcelo Viana e Kerley dos Santos que tanto me ajudaram no processo de transferência para o curso de Turismo da UFOP.

Também gostaria de agradecer a duas importantes pessoas que fizeram parte da minha vida durante esse período da graduação e que, pela ótima convivência que fomos desenvolvendo com o passar dos anos, engrandeceram-me com a bondade e a gentileza que sempre me dispensaram. Por isso, agradeço a Valéria Rodrigues e a Maria Fernanda Rodrigues.

Agradeço ao Departamento de Turismo por proporcionar os conhecimentos que pude adquirir durante a minha formação acadêmica e à minha orientadora, Maria do Carmo Pires, por ter aceitado me orientar e ajudar a conduzir essa pesquisa.

E, por último, agradeço à Universidade Federal de Ouro Preto e ao governo brasileiro, em especial aos dois primeiros mandatos do governo Lula, por terem implementado inúmeras medidas sociais e realizado a ampliação das universidades federais e estaduais de ensino gratuito, pois, sem esse apoio, um jovem pobre nunca teria a oportunidade de ter um título de bacharel exposto na parede da sala.

“A tradição não é dada por direito de herança, e, se a quiser, é preciso muito trabalho para a obter.”
(Thomas Stearns Eliot)

RESUMO

Devido ao contexto histórico que deu início às repúblicas de Ouro Preto após o esvaziamento da cidade com a mudança da capital para Belo Horizonte, as tradições republicanas começaram a se consolidar nesses ambientes e assim foi se criando o modo de vida republicano ouro-pretano. Com base nisso, o historiador e ex-aluno Otávio Luiz Machado, ex-morador da República Aquarius, deu entrada ao documento com o pedido de registro desse modo de vida republicano das repúblicas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) como patrimônio cultural imaterial de Ouro Preto. Esta pesquisa teve como objetivo avaliar a relevância da possível patrimonialização do modo de vida e tradições das repúblicas federais ufopianas. A pesquisa foi elaborada por meio de levantamentos bibliográficos e documentais e durante seu desenvolvimento foram realizados questionários que tiveram como público-alvo moradores de Ouro Preto, residentes das repúblicas federais e alunos da UFOP em geral. A justificativa para a realização dessa pesquisa foi promover a discussão desse tema, já que é relevante para a análise e compreensão da viabilidade ou não do processo de patrimonialização imaterial de futuros projetos. Espera-se que esta pesquisa revele contribuições científicas para a área acadêmica referente ao segmento de patrimônio e registros imateriais, na medida em que auxiliará no desenvolvimento de estudos exploratórios que visem a evitar que haja uma banalização do que seja passível de patrimonialização.

Palavras-Chave: Tradições republicanas; UFOP; Patrimônio cultural imaterial; Modo de vida republicano; Repúblicas federais; Patrimonialização.

ABSTRACT

Due to the historical context that gave rise to the republics of Ouro Preto after the emptying of the city with the move of the capital to Belo Horizonte, republican traditions began to consolidate in these environments and thus the republican way of life of Ouro Preto was created. Based on this, historian and former student Otávio Luiz Machado, a former resident of República Aquarius, filed a document requesting the registration of this republican way of life of the republics of the Federal University of Ouro Preto (UFOP) as intangible cultural heritage. from Ouro Preto. This research aimed to evaluate the relevance of the possible patrimonialization of the way of life and traditions of the ufopian federal republics. The research was elaborated through bibliographical and documentary surveys and during its development questionnaires were carried out that had as target audience residents of Ouro Preto, residents of federal republics and UFOP students in general. The justification for carrying out this research was to promote the discussion of this topic, since it is relevant for the analysis and understanding of the viability or otherwise of the intangible heritage process of future projects. It is hoped that this research will reveal scientific contributions to the academic area related to the segment of heritage and intangible records, insofar as it will help in the development of exploratory studies that aim to avoid the banalization of what is subject to patrimonialization.

Keywords: Republican traditions; UFOP; Intangible cultural heritage; Republican way of life; Federal republics; Patrimonialization.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

CEEM: Casa do Estudante da Escola de Minas Casa do Estudante de Ouro Preto

CEOP: Casa do Estudante de Ouro Preto

Compatri: Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural de Ouro Preto

CUNI: Conselho Universitário

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UFOP: Universidade Federal de Ouro Preto

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Universidade de Bolonha, Itália.	17
Figura 2: Universidade de Paris, França.	18
Figura 3: Universidade de Coimbra, Portugal.	25
Figura 4: Trajes acadêmicos utilizados pelos alunos da Universidade de Coimbra.	30
Figura 5: Prédio da Escola de Farmácia de Ouro Preto em 1921.	33
Figura 6: Tela do artista plástico José Rosário, retratando a Praça Tiradentes em 1885.	34
Figura 7: Casarões coloniais ocupados atualmente por repúblicas federais.	37
Figura 8: Sala de quadrinhos na República Aquarius.	40
Figura 9: Foto da capa do livro lançado em fevereiro de 2023.	43
Figura 10: Solenidade de lançamento do livro de Otavio Machado em fevereiro de 2023.	44
Figura 11: Otavio Machado autografando exemplar do livro entregue a vice-prefeita de Ouro Preto, Regina Braga.	45
Figura 12: Nuvem de palavras gerada a partir do questionamento sobre o porquê de os respondentes considerarem a presença estudantil importante na cidade.	57
Figura 13: Nuvem de palavras gerada a partir da pergunta sobre o conhecimento do respondente sobre o modo de vida republicano.	58
Figura 14: Nuvem de palavras gerada a partir da questão de sentimento em relação às repúblicas e seus moradores.	59
Figura 15: Pichação na lateral do Museu da Inconfidência.	63
Figura 16: Pichação na parede externa de uma casa no bairro Rosário em Ouro Preto (MG).	63

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual de estudantes, ex-alunos e não estudantes da UFOP.	50
Gráfico 2 - Percentual dos respondentes que residem em Ouro Preto, MG.	51
Gráfico 3 - Percentual de participantes por sexo.	51
Gráfico 4 - Faixa etária dos respondentes.	52
Gráfico 5 - Percentual da forma de residência dos participantes.	53
Gráfico 6 - Percepção de importância da existência das repúblicas na cidade por parte dos entrevistados.	53
Gráfico 7 - Percentual de respondentes sobre o conhecimento sobre o pedido de registro patrimonial.	54
Gráfico 8 - Percentual de concordância sobre a possibilidade de o modo de vida republicano se tornar patrimônio.	55
Gráfico 9 - Percepção dos entrevistados sobre como o turismo seria ou não afetado com a aprovação da proposta.	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: MODOS DE VIDA UNIVERSITÁRIA: ORIGENS E CONSOLIDAÇÃO DAS TRADIÇÕES	17
1.1 Origens das acomodações e tradições estudantis universitárias	17
1.2 Aspectos da praxe portuguesa	25
CAPÍTULO 2: VIDA UNIVERSITÁRIA OUROPRETANA: DAS ESCOLAS À UNIVERSIDADE FEDERAL	32
2.1 A Escola de Farmácia e a Escola de Minas em Ouro Preto	32
2.2 As primeiras repúblicas de Ouro Preto	35
2.3 Tradições, festas e facetas das repúblicas federais da UFOP	38
CAPÍTULO 3: TRADIÇÕES DAS REPÚBLICAS FEDERAIS COMO PATRIMÔNIO DE OURO PRETO	42
3.1 Processo de registro do modo de vida republicano: proposta de patrimonialização e lançamento do livro sobre o tema	42
3.2 Conflitos do modo de vida republicano e comunidade local na cidade de Ouro Preto	47
3.3 Formulário de pesquisa e resultados	49
3.3.1 Gráficos resultantes dos formulários	50
3.3.2 Nuvens de palavra geradas com as repostas abertas obtidas nos formulários	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICES	72
Apêndice A - Formulário de Pesquisa	72
Apêndice B – Respostas das perguntas abertas do formulário de pesquisa	75

INTRODUÇÃO

Ouro Preto, cerca de 90 quilômetros distante de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, é um município histórico que convive diariamente com uma grande diversidade de pessoas oriundas de várias partes do Brasil e do mundo.

Tendo sido considerada Patrimônio Mundial da Humanidade devido à sua história e seu rico conjunto arquitetônico datado do período em que o país ainda era uma colônia portuguesa, viu sua população crescer a partir das minas de ouro descobertas na região.

Devido à sua importância econômica para o país, logo após a independência do Brasil, foi concedido à então Vila Rica, em 1823, o título de Imperial Cidade de Ouro Preto e tornou-se oficialmente capital de Minas Gerais, status que durou até 1897, quando a capital foi transferida para Belo Horizonte.

Foi nesse intervalo de tempo que foram criadas na cidade, primeiramente a Escola de Farmácia e posteriormente a Escola de Minas, que mais tarde vieram a constituir a Universidade Federal de Ouro Preto e que trouxeram para o município pessoas de diversas regiões, as quais se diferiam das nativas por não serem autóctones, mas que também não eram turistas, devido ao fato de residirem na cidade por vários anos, durante a duração de seu curso, contribuindo para a economia e fazendo parte da sociedade do município. A criação dessas escolas, além de demarcar um período de grandes transformações na educação superior brasileira, proporcionou à cidade de Ouro Preto mudanças consideráveis no seu espaço público urbano, pois foi devido a esse público estudantil que adveio da fundação dessas instituições que as antigas ruas ouro-pretanas, permeadas de tradições, foram invadidas por jovens estudantes universitários com seu irreverente modo de ser, e os casarões coloniais, abandonados logo após a transferência da capital para Belo Horizonte, utilizadas como moradias estudantis, as famosas repúblicas, com sua forma de administração e normas próprias e seu modo de vida que, com o passar do tempo, desde sua criação, passou a ser considerada tradição na visão dos republicanos.

Levando em consideração essa visão por parte dos republicanos, o historiador e ex-aluno da República Aquarius, Otavio Luiz Machado, entrou com um pedido de registro patrimonial do modo de vida republicano das repúblicas federais de Ouro

Preto no Conselho Municipal de Patrimônio (Compatri), com o objetivo de resguardar o que esses estudantes consideram ser tradições que permeiam o modo de vida que eles apresentam na cidade.

Quanto ao termo tradição, Eric Hobsbawm (1984), um dos principais historiadores do século XX, define como sendo um conjunto de práticas, costumes e valores que é transmitido de geração em geração e que é considerado como um dado histórico e culturalmente significativo para uma comunidade específica. Argumenta ainda que as tradições são construídas e recriadas ao longo do tempo e que, muitas vezes, são inventadas ou adaptadas para atender às necessidades e desejos de uma sociedade em mudança. Além disso, podem ser usadas para legitimar a autoridade de certos grupos ou instituições e ser empregadas como uma forma de resistência contra a mudança social e política.

Dessa forma, Hobsbawm (1984) afirma que as tradições são construções sociais e culturais que mudam ao longo do tempo e que podem ter uma função política significativa. Ainda de acordo com o autor, a análise crítica das tradições é fundamental para a compreensão da história e da cultura, e a sua compreensão também pode ser importante para a construção de identidades coletivas e para a criação de uma sociedade mais justa e igualitária.

No que diz respeito ao patrimônio imaterial¹, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) define como sendo as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas que as comunidades, grupos e indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. O patrimônio imaterial é transmitido de geração em geração e é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em resposta ao seu ambiente, sua interação com a natureza e sua história, entre outros fatores.

Ainda segundo o IPHAN, o processo para que algo seja registrado como patrimônio imaterial no Brasil envolve as seguintes etapas:

1. Identificação: A primeira etapa consiste em identificar o bem cultural imaterial a ser registrado. Isso pode ser feito por meio de estudos e pesquisas, consultas às comunidades detentoras do bem e outras fontes de informação.

¹ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> Acesso em: 22/03/2023.

2. Mobilização: Envolve a mobilização das comunidades, grupos e indivíduos detentores do bem cultural imaterial. É importante envolver essas pessoas para garantir que o registro seja feito de forma participativa e democrática.
3. Registro: A terceira etapa é o processo de registro propriamente dito. Nesse momento, é necessário preencher um formulário com informações sobre o bem cultural imaterial, sua importância e as formas de preservação e valorização e deve ser submetido ao IPHAN, que irá analisá-lo e decidir se o bem pode ser registrado.
4. Salvaguarda: Depois que o bem cultural imaterial é registrado, é importante adotar medidas para sua preservação e valorização. O IPHAN pode oferecer apoio técnico e financeiro para a implementação de ações de salvaguarda, como a realização de pesquisas, a promoção de atividades culturais e a capacitação de agentes culturais.

É importante destacar que o registro como patrimônio imaterial não é uma medida de proteção absoluta, mas, sim, um reconhecimento da importância cultural do bem e um compromisso com sua preservação e valorização.

Esta pesquisa terá como objetivo geral a avaliação da relevância da possível patrimonialização do modo de vida e tradições das repúblicas federais de Ouro Preto e, para que este possa ser atingido, foram elencados três objetivos específicos:

1. Avaliar a relevância da possível patrimonialização do modo de vida e tradições dos estudantes das repúblicas federais de Ouro Preto para a população e para o turismo.
2. Verificar o nível de conhecimento da população local e estudantes da UFOP acerca do modo de vida e tradições dos moradores das repúblicas federais de Ouro Preto.
3. Levantar o ponto de vista da população e estudantes da UFOP sobre o tema e analisar a aceitação da possibilidade de se patrimonializarem essas tradições republicanas.

A partir do exposto, foram levantadas as seguintes indagações como questões norteadoras da pesquisa: “O modo de vida republicano dos estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto deve se tornar patrimônio imaterial?”; “A quem essa patrimonialização interessa?”; “Vai gerar impacto turístico para o município de Ouro Preto?”; “Qual a visão da comunidade ouro-pretana sobre essa patrimonialização?”.

Para se alcançarem esses objetivos e para responder essas questões, a presente pesquisa decorrerá de natureza exploratória, uma vez que visa a compreender um caso ainda pouco explorado, por meio de levantamentos bibliográficos e documentais que nortearam os apontamentos do assunto. Possui também natureza descritiva, por ter a finalidade de descrever determinado grupo e fenômeno (GIL, 1991), que neste trabalho é o pedido de registro do modo de vida republicano das repúblicas da Universidade Federal de Ouro Preto como patrimônio cultural imaterial de Ouro Preto, que servirá como o estudo de caso deste trabalho. Esse método será utilizado devido às características se aplicam a essa pesquisa:

1. Particularismo: o estudo se concentra em uma situação, acontecimento, programa ou fenômeno particular, proporcionando assim uma excelente via de análise prática de problemas da vida real;
2. Descrição: o resultado consiste na descrição detalhada de um assunto submetido a indagação;
3. Explicação: o estudo de caso ajuda a compreender aquilo que se submete à análise, formando parte de seus objetivos a obtenção de novas interpretações e perspectivas, assim como o descobrimento de novos significados e visões antes despercebidas;
4. Indução: a maioria dos estudos de caso utiliza o raciocínio indutivo segundo o qual os princípios e generalizações emergem da análise dos dados particulares. Em muitas ocasiões, mais que verificar hipóteses formuladas, o estudo de caso pretende descobrir novas relações entre elementos. (WIMMER, 1996 *apud* SÁ, 2010, p. 56).

A peculiaridade do método de pesquisa do estudo de caso também é definida por André (1984). O autor explica que

em primeiro lugar [...] o estudo de caso não pode ser igualado aos estudos de observação participante, pois isso excluiria o estudo de caso histórico, não menos interessante e relevante que os trabalhos de observação. Em segundo lugar, enfatizam eles, estudos de caso não podem ser tomados simplesmente como esquemas pré-experimentais de pesquisa. Embora eles sirvam muitas vezes para indicar variáveis que são manipuladas e controladas posteriormente em estudos experimentais, essa não é sua única função. O conhecimento gerado através do estudo de caso tem um valor único, próprio e singular. Em terceiro lugar, o documento esclarece que estudo de caso não é o nome de um pacote metodológico padronizado, isto é, não é um método específico de pesquisa, mas uma *forma particular* de estudo. As técnicas de coleta de dados utilizadas no estudo de caso se identificam com as técnicas do trabalho de campo da sociologia e antropologia. Porém, a metodologia do estudo de caso é eclética, incluindo, via de regra, observação, entrevistas, fotografias, gravações, documentos, anotações de campo e negociações com os participantes do estudo. (ANDRÉ, 1984, p. 51-52).

Para a obtenção de dados para a análise neste trabalho, foi utilizada a abordagem mista quali-quantitativa, que combina as estratégias de levantamento bibliográfico e documental com a realização de questionários aplicados de forma

digital por meio de formulários de pesquisa, pois, segundo Grácio e Garrutti, (2005, p. 119), “as quantificações fortalecem os argumentos e constituem indicadores importantes para análises qualitativas”.

Este trabalho será dividido em três capítulos, sendo que, no primeiro serão levantados e explicitados alguns levantamentos históricos para melhor entendimento do assunto, iniciando pela apresentação das origens das universidades no continente europeu, ainda durante a Idade Média, até a consolidação dos costumes universitários em tradições que foram ganhando forma e notoriedade, especialmente na praxe portuguesa da Universidade de Coimbra, Portugal.

O capítulo 2 discorrerá sobre a criação das Escolas de Farmácia e de Minas e a consequente vinda de alunos para o município de Ouro Preto. Será relatado o contexto do surgimento das primeiras repúblicas e a posterior federalização dessas moradias que abrigavam os estudantes dessas escolas após a fundação da Universidade Federal de Ouro Preto, além de algumas das principais tradições e festividades que se criaram e se popularizaram nesse meio republicano.

No terceiro e último capítulo, será apresentada a proposta de registro patrimonial do modo de vida estudantil republicano em Ouro Preto, de autoria do historiador e ex-aluno da república Aquarius, bem como explicitará os conflitos provenientes do convívio entre autóctones e moradores das repúblicas federais ouro-pretanas, e ao final serão demonstrados os resultados da pesquisa via formulário e analisadas as opiniões e impactos que tal proposta pode causar na comunidade local.

Por fim, nas considerações finais, será realizada uma síntese do que foi discutido nos capítulos além de trazer reflexões sobre o tema.

CAPÍTULO 1: MODOS DE VIDA UNIVERSITÁRIA: ORIGENS E CONSOLIDAÇÃO DAS TRADIÇÕES

1.1 Origens das acomodações e tradições estudantis universitárias

As universidades, de acordo com o conceito que conhecemos hoje, datam de centenas de anos, no período da Idade Média, aproximadamente no século XI. Segundo Simões (2013), uma das instituições consideradas mais antigas e pioneiras no desenvolvimento das bases do ensino superior nasceu na cidade de Bolonha, na Itália (FIGURA 1), impulsionada pelo clima cultural vivenciado na localidade devido à existência da “Escola de Artes Liberais”. Ainda, segundo a autora,

a partir desse desenvolvimento, surgiram outras escolas episcopais, monásticas e particulares, nas quais se ensinava Direito, emergindo, então, a Universidade de Bolonha (1088). Wernerius ensinou Direito Canônico entre 1100 e 1130, sendo um dos mais notáveis mestres dessa universidade. (SIMÕES, 2013, p. 136).

Figura 1: Universidade de Bolonha, Itália.



Fonte: GASPA, 2006.

O contexto histórico que sucedeu o alvorecer das instituições de ensino superior, posteriormente conhecidas como universidades, se dá com a queda de Roma, após as invasões bárbaras que acarretaram o desaparecimento das escolas pagãs e em seu lugar fazendo surgir “as escolas monásticas e as das catedrais,

destinadas ao ensino do que se supunha ser necessário para a formação de padres e monges” (ALCANTARA, 1975, p. 9).

É importante ressaltar que não é possível definir ao certo qual é a instituição de ensino superior mais antiga, já que, como cita Alcantara (1975), a instituição de Salerno servia como um grande centro de estudos médicos e pode datar do século IX ou X. Entretanto, há um consenso entre diversos autores de que a Universidade de Bolonha, na Itália, e a Universidade de Paris, na França (FIGURA 2), foram as primeiras instituições que podem ser consideradas universidades de fato, destacando o papel da igreja em suas criações.

As primeiras universidades nasceram do interesse da Igreja e do Estado. As condições sociais e culturais da época favoreceram esse progresso, que se iniciou nos fins do século XII, quando foram fundadas as primeiras e mais importantes universidades: Bolonha, Paris, Oxford e Montpellier. Essas universidades nasceram espontaneamente e se destacaram no cenário mundial. A Universidade de Paris, numa época em que havia poucos órgãos de opinião, consagrou-se nessa área e no campo da Filosofia e na Teologia. Enquanto a Universidade da Bolonha destacava-se no campo do direito civil e canônico, a de Oxford, resultado do processo de migração de professores e alunos de Paris para a Inglaterra, em 1167, destacou-se na área da Filosofia. A Universidade de Montpellier alcançou repercussão no campo da Medicina. As universidades europeias medievais, exceto no território espanhol, foram criadas pela Igreja. (JANOTTI, 1992 *apud* LAMPERT, 1997, p. 71).

Figura 2: Universidade de Paris, França.



Fonte: MONNIAUX, 2004.

Segundo Alcantara (1975, p. 11), todas as universidades desse período foram organizadas seguindo o modelo de Bolonha e Paris “no qual os próprios estudantes formavam uma corporação ou *universitas*”. Essas associações ou corporações nasciam espontaneamente e tinham como objetivo a conquista de direitos e força política para promover mudanças sociais, culturais e econômicas que nessa época seriam vistas como privilégio devido ao grande controle e supervisão exercidos pela igreja católica. Lampert (1997, p. 73), sobre essas regalias, sustenta que

ficam evidentes os privilégios de que gozavam as corporações. Imunidades, isenção de impostos, direito à greve, jurisdição interna, concessão de graus, isenção dos estudantes ao serviço militar foram alguns desses privilégios concedidos pelos papas e reis às corporações. Por esse motivo, professores e alunos se agrupavam para formar as "universitas" e com o objetivo de avançar em determinadas áreas do conhecimento humano.

Essa forma de organização de professores e alunos foi gradativamente obtendo sucesso e, como cita Oliveira (2007, p. 120), “dois grandes exemplos da influência desses poderes na organização da universidade medieval são a *Authentica Habita*, de Frederico Barba Roxa, de 1158, e a bula de Gregório IX intitulada *Parens scientiarum universitas*, de 1231”. Foi a partir da nomeação desses grupos, as “*universitas*”, que nasceu o nome “universidade”, que, posteriormente, passou a ser a nomenclatura utilizada para designar essas escolas. Para evitar erros de interpretação e de período histórico, Nunes (1979 *apud* LAMPERT, 1997, p. 72) evidencia a diferença do que pode ser entendido como universidade no período medieval em comparação com os períodos anteriores ou em outras partes do mundo:

É preciso estar atento para o uso do termo, quando se lê, por exemplo, em algum livro, que houve universidade em Atenas ou em Bizâncio. Primeiramente, observa-se que o termo universidade só começou a ser usado em latim e ser aplicado às escolas de certo tipo durante o século XIII. Na centúria anterior [...] o termo *universitas* foi usado com o sentido de associação ou corporação de ofício. No século XIII, nessa mesma acepção, ele passou a ser empregado para designar as corporações de mestres e estudantes que se consagravam de modo organizado ao estudo das artes liberais, do direito, da medicina e da teologia [...] No Egito e na Babilônia, na Índia e na China, na Grécia e em Roma, no império bizantino e nos sultanatos muçulmanos, nunca houve universidades, mas, sim, escolas superiores [...] na Idade Média oriental e no mundo muçulmano houve escolas elementares e superiores que hoje, por figura de linguagem, são chamadas de universidades nos livros de história, o que constitui evidente imprecisão de linguagem e anacronismo, uma vez que as universidades com os seus estatutos, a sua organização jurídica e os graus acadêmicos surgiram espontaneamente no seio da cristandade medieval e foram uma das suas lídimas e originais criações.

Ainda, de acordo com o autor, essas primeiras universidades eram constituídas predominantemente por estudantes nobres e burgueses e, em menor número, por filhos de agricultores. Porém, como ressalta Lampert (1997), numa sociedade extremamente estratificada como a Europa medieval, formar-se numa dessas universidades começou a ser uma alternativa de ascensão social, ainda que repleta de dificuldades principalmente para os jovens menos abastados.

Na época, para se tornar oficialmente um estudante universitário, apesar de que não fosse necessário realizar prova ou exame, como requerido atualmente, era preciso vincular-se a um mestre professor, e esse processo muitas vezes exigia que o aluno se mudasse de uma cidade para outra em busca de mestres que estivessem disponíveis a lecionar. Adicionado a isso, o número de discentes nessa época ainda era bem pequeno e os livros necessários aos estudos também eram raros devido ao fato de ainda serem escritos à mão, situações essas que só vieram a melhorar com o passar do século XIV e com a consequente multiplicação das universidades no continente.

Nesse primeiro momento, as condições universitárias eram bem precárias, as instituições não possuíam prédios ou espaços próprios e, como descreve Lampert (1997, p. 76),

os cursos eram ministrados nos refeitórios dos claustros, nos conventos, nas igrejas, ao ar livre e até na casa dos professores. Os professores e os alunos formavam sua própria biblioteca, uma vez que esta inexistia nas universidades e colégios.

Quanto aos universitários com menos recursos econômicos, o autor diz que eram isentos do pagamento de taxas e que, para conseguirem sobreviver em localidades que por vezes eram distantes de sua cidade natal, desempenhavam funções diversas, como prestar “serviços aos estudantes abastados, assegurando, assim, moradia e comida. Outros se dedicavam à cópia, à cantoria da Igreja” (LAMPERT, 1997, p. 76). O autor afirma ainda que os estudos eram rigorosos e requeriam uma boa memória por parte dos discentes, o que, somado aos fatores dificultantes citados anteriormente, gerava uma alta taxa de desistência entre os estudantes.

No ato da vinculação de mestre e aluno, existia um rito de passagem que pode ser considerado uma das primeiras tradições universitárias vivenciadas no período. Quanto a esse ritual, Le Goff (1989 *apud* LAMPERT, 1997, p. 76) relata que

a iniciação do novato é descrita como uma cerimônia de "purgação" destinada a despojar o adolescente de sua rusticidade, até de sua bestialidade primitiva. Zomba-se de seu odor de besta-fera, de seu olhar perdido, de suas longas orelhas, de seus dentes parecendo presas. Extraem-lhe supostos chifres e excrescências. Banham-no e limam-lhe os dentes. Em uma paródia de confissão, ele reconhece enfim enormes vícios. Assim, o futuro intelectual deixa sua condição original, que se assemelha intensamente à representação do camponês, à do rústico da literatura satírica da época. Da bestialidade à humanidade, da rusticidade à urbanidade: estas são as cerimônias onde o velho fundo primitivo aparece degradado e quase esvaziado de seu conteúdo original, lembrando que o intelectual foi arrancado do clima rural, da civilização agrária, do mundo selvagem da terra.

Outro costume descrito por Lampert (1997, p. 77) que também pode ser agregado a essas primeiras tradições é que “os maus alunos eram castigados com os distintivos de asno, isto é, eram obrigados a portar no pescoço uma cabeça de asno de madeira e/ou chapéu com figura de asno”.

Quanto à organização e à hierarquia dessas instituições, elas funcionavam da seguinte forma: o período escolar começava dia 14 de setembro, na festividade chamada Exaltação a Santa Cruz, e terminava dia 13 de setembro. Não existiam férias como temos atualmente, porém existiam 79 dias “*non legibiles*” em que não havia aulas, geralmente por motivo de festas e outras comemorações e, “nos dias santos [...], assim como aos domingos, havia sermão, que era um gênero didático” (NUNES, 1979 *apud* LAMPERT, 1997, p. 74). Já, para que o aluno concluísse sua graduação e recebesse seu diploma de bacharel, como é dito por Simões (2013) e por Alcântara (1975), eram necessários de quatro a cinco anos de estudo do “*trivium*”, que incluía gramática, retórica e lógica ou dialética.

Após a conclusão desses estudos, era preciso passar pela defesa oral diante da banca, normalmente formada por três ou quatro mestres professores, mas essa condição de bacharel ainda não lhe conferia habilitação para lecionar. Caso o estudante quisesse atuar como profissional na vida acadêmica, era necessário alcançar a licenciatura que, segundo Simões (2013, p. 138), “era obtida depois de dois anos, após a realização de estudos sob a orientação de um mestre e, a partir desse momento, o licenciado poderia ensinar por conta própria”. Essa posição é reafirmada e complementada por Lampert (1997, p. 77) que diz que

para alcançar o grau de doutor, professor de professor, o candidato deveria ser aprovado com brilhantismo em debates com bacharéis. O processo de examinação do candidato do grau de doutor, frequentemente, durava uma semana. Os fracassos eram pouco usuais, pois cada discente era apresentado por seu mestre. Após o processo de examinação, em presença de toda a faculdade, recebia do chanceler o distintivo de seu grau (anel de ouro, livro, etc.), o que lhe garantia plenitude de direitos. Depois desse cerimonial, oferecia a todos os assistentes da faculdade um banquete, acompanhado de divertimentos e de presentes. Esse evento era muito dispendioso e endividava o estudante na maioria das vezes. Por esse motivo, muitos estudantes que teriam condições intelectuais desistiam de obter o grau de doutor.

A figura de principal administrador e gestor dessas instituições, caracterizadas por sua gestão democrática, era a do reitor, eleito pelos próprios alunos dessas universidades. Acerca disso, Lampert (1997, p. 73-74) salienta que

o reitor (chanceler na universidade de Oxford) era figura principal. Com um mandato breve (alguns meses), desfrutava de todos os direitos dentro e fora da instituição. Ele era o guardião dos estatutos e cabia-lhe convocar e presidir as assembleias, gerenciar as finanças. Era o representante oficial da universidade, e o decano, o representante de cada Faculdade. O trabalho do reitor era assistido por um conselho formado de delegados das nações e de funcionários adjuntos. As assembleias de alunos e mestres desempenhavam um papel essencial. O reitor, com frequência, apenas executava as decisões da assembleia. Cabiam à administração da universidade duas tarefas essenciais: defender os privilégios universitários e organizar o ensino.

Já em relação às moradias utilizadas por alunos dessas primeiras universidades, há poucas informações, pois os estudos dessa época enfatizam mais os aspectos da universidade em si do que a vida do universitário, mas, como é apontado por Alcântara (1975), esses deslocamentos de estudantes à procura de mestres, citados anteriormente, acabavam por gerar grande contingente de pessoas nas cidades, o que ocasionava alta nos aluguéis de quartos, estalagens e de bens de consumos básicos. Essa situação só poderia ser enfrentada a partir das corporações formadas por esses estudantes que, em forma de boicote e pelo fato de não terem, à época, sede fixa para um local de estudos, poderiam facilmente mudar de uma cidade para outra, o que ocasionava perda financeira para aquela comunidade em termos de comércio e estadia e, desse modo, conseguiam negociar preços melhores para que fosse possível continuarem ali. Também os mestres professores, que dependiam das taxas pagas por seus alunos para sua subsistência, podiam sofrer boicotes quando não obedeciam às taxas e normas acordadas com os estudantes.

Segundo Estanque (2005), foi a partir do século XIII que surgem as primeiras casas comunitárias destinadas a estudantes e mestres procedentes de uma mesma região, nacionalidade ou diocese e é principalmente na Universidade de Coimbra, em Portugal que esse modelo de casas comunitárias adquire notoriedade até formar as repúblicas de estudantes que iriam se popularizar nos séculos seguintes.

Pode-se dizer que o modelo de ensino e de organização por parte dos mestres e estudantes que formaram as universidades foi um sucesso na Europa medieval. Como afirma Alcântara (1975), até o final do século XV já tinham sido fundadas mais de 80 universidades na Europa ocidental (QUADRO 1), e, segundo Lampert (1997, p. 78), “a estrutura administrativa e a organização do ensino das universidades permaneceram até o final do século XIX ou início do século XX sem sofrer alterações significativas”.

Quadro 1 - Principais Universidades fundadas entre os séculos XI a XV.

Universidade	País	Ano de fundação
Universidade de Bolonha	Itália	1088
Universidade de Oxford	Inglaterra	1096
Universidade de Paris	França	1150
Universidade de Modena	Itália	1175
Universidade de Cambridge	Inglaterra	1209
Universidade de Salamanca	Espanha	1218
Universidade de Montpellier	França	1220
Universidade de Pádua.	Itália	1222
Universidade de Nápoles	Itália	1224
Universidade de Toulouse	França	1229
Universidade de Al Mustansiriya	Iraque	1233
Universidade de Siena	Itália	1240
Universidade de Valladolid	Espanha	1241
Universidade de Roma	Itália	1244
Universidade de Piacenza	Itália	1247
Universidade de Sorbonne	França	1253

Universidade de Murcia	Espanha	1272
Universidade de Coimbra	Portugal	1290
Universidade de Madri	Espanha	1293
Universidade de Lérida	Espanha	1300
Universidade de Avignon	França	1303
Universidade de Orléans	França	1305
Universidade de Perugia	Portugal	1308
Universidade de Cambridge	Inglaterra	1318
Universidade de Florença	Itália	1321
Universidade de Grenoble	França	1339
Universidade de Pisa	Itália	1343
Universidade de Praga	República Tcheca	1348
Universidade de Pávia	Itália	1361
Universidade de Jagiellonian	Polónia	1364
Universidade de Viena	Áustria	1365
Universidade de Heidelberg	Alemanha	1367
Universidade de Wurzburg	Alemanha	1402
Universidade de Leipzig	Alemanha	1409
Universidade de St. Andrews	Escócia	1411
Universidade de Louvain	Bélgica	1426
Universidade de Caen	França	1437
Universidade de Bordeaux	França	1441
Universidade de Glasgow	Escócia	1451
Universidade de Copenhague	Dinamarca	1479
Universidade de Santiago de Compostela	Espanha	1495

Fonte: SIMÕES, 2013.

1.2 Aspectos da praxe portuguesa

Data do ano de 1290 a Universidade de Coimbra, em Portugal (FIGURA 3), que, à época, ainda não possuía a designação de “universidade”, sendo mais precisamente um “*Studium Generale*”, ou seja, uma instituição de estudos gerais que

recebia estudantes de todas as nacionalidades. Acerca disso, Alcantara (1975, p. 15) afirma que

em 1288, autoridades eclesiásticas de Portugal dirigiam uma petição ao Papa Nicolau IV para a instituição de um Estudo Geral no país. Não tendo sido atendidos (havia desinteligência entre o rei e a Santa Sé), o rei D. Diniz fundou em 1290 uma universidade em Lisboa, à feição bolonhesa. Cinco meses depois a Bula de Nicolau IV confirmou a fundação. Posteriormente, em 1308, o próprio rei D. Diniz transferiu a Universidade para Coimbra. Esta compunha-se das seguintes faculdades: medicina, direito canónico e direito civil. Não incluía a faculdade de teologia, por ser esta privilégio da Universidade de Paris.

Figura 3: Universidade de Coimbra, Portugal.



Fonte: Site Universidade de Coimbra, s/d.²

Durante os primeiros séculos de existência, essa universidade, que atualmente é a maior e a mais antiga de Portugal, passou por repetidas mudanças de sede, indo entre Lisboa e Coimbra (FRIAS, 2003), até finalmente ser sediada em definitivo no local no qual se encontra até os dias atuais, no antigo Paço Real da Alcáçova, que passou a ser denominado Paço das Escolas³, na Alta⁴ de Coimbra, após a sua aquisição pela universidade em 1597.

² Disponível em: <https://www.uc.pt/patrimonio>. Acesso em: 20/03/2023.

³ Disponível em: https://www.uc.pt/sobrenos/historia/marcoshistoricos_xii_xvi. Acesso em: 22/10/2022.

⁴ Alta e Baixa de Coimbra são áreas contíguas da cidade que, para além da questão de relevo geográfico, abriga questões sociais. Historicamente a “Alta” era onde vivia a nobreza, o clero e,

Vários aspectos, como os ritos históricos, festividades, costumes, relações desenvolvidas entre estudantes e ambiente acadêmico entre outras questões políticas e sociais bem como a sua localidade, misturam-se e garantem caráter único à Universidade de Coimbra. Além disso, durante a sua trajetória há diversos fatores que tornam essa instituição um expoente no universo das escolas de ensino superior da Europa ocidental. Esses fatores são apontados por Estanque (2011):

A história da Universidade de Coimbra é bem um exemplo de como uma tradição ritualista, reprodutora de hierarquias bem vincadas e de critérios selectivos fortemente elitistas pode conviver com formas de conduta e modos de vida marcados pela rebeldia e pelo sentido transgressivo. O estilo de vida «boémio» aplica-se sem dúvida ao meio estudantil de Coimbra, onde nunca faltaram exemplos e condições de florescimento de tais atmosferas, em especial devido à presença dos estudantes. Ao longo do século XIX, sob o efeito das tendências europeias, as ideias progressistas e o debate público, se bem que muito circunscrito, tiveram algum eco no meio estudantil.

Quanto às primeiras casas comunitárias destinadas a estudantes e mestres professores, elas surgem ainda nesse primeiro século de fundação e eram comumente batizadas de “Nações” (ESTANQUE, 2005). Porém as repúblicas como moradias universitárias, com seus costumes, hierarquias e decorrentes tradições, aos moldes de como vemos atualmente, por exemplo, na cidade de Ouro Preto - MG,

surgem já no século XIX, sem dúvida associadas aos movimentos político-ideológicos de matriz republicana. Animadas pelo espírito de fraternidade, protecção mútua, convívio e boémia, as Repúblicas tiveram um papel decisivo na modelação da cultura universitária e na própria gestão da Universidade. Muitas gerações da elite intelectual portuguesa foram, directa ou indirectamente, tocadas pelo seu modo de vida. (ESTANQUE, 2005, n.p.).

As repúblicas coimbrãs possuem notória importância no contexto acadêmico e social português, tendo participado ativamente de momentos vultosos do século anterior. A esse respeito Estanque (2005, n.p.) avalia que “é conhecido o papel decisivo das Repúblicas (e do seu órgão coordenador, o Conselho de Repúblicas) nos anos 60, na organização da resistência estudantil face à repressão que nessa altura se abateu sobre a Universidade”. O autor ainda destaca que as repúblicas se tornaram palco de forte ativismo político na luta pela democracia na universidade, tendo assumido a centralidade dos movimentos estudantis e participado ativamente dos ritos

posteriormente, os estudantes, e a "Baixa" era ocupada predominantemente pelo comércio, artesanato e populações ribeirinhas.

festivos e praxistas da vida coimbrã até o final da década de 60. A partir daí passaram a ocupar um papel secundário nesse cenário e não mais se pautaram pelas praxes acadêmicas.

Mas, enquanto a grande massa estudantil começava a aderir crescentemente às praxes e à participação nos rituais acadêmicos, os repúblicos continuaram, na sua esmagadora maioria, a afirmar-se anti-praxistas e a assumir o seu próprio *modus vivendi* em clara demarcação perante os estilos de vida da grande maioria dos estudantes. Apesar de se notar hoje uma maior pluralidade de orientações a esse nível, o certo é que, desde então, as Repúblicas têm vindo a permanecer à margem dos acontecimentos acadêmicos. (ESTANQUE, 2005, n.p.).

Portanto, torna-se necessário uma boa compreensão das nuances que cercam as repúblicas estudantis e seus ritos de passagem e convivência para que seja possível um bom entendimento do peso da tradição e cultura acadêmica que foram se consolidando através dos séculos desde a fundação dessa universidade, com destaque especial para a última centúria da história portuguesa. Nesse sentido ainda afirma Estanque (2011, p. 397-398) que

no caso de Coimbra, as Repúblicas estudantis, com as suas formas alternativas de organização, de convívio, festa e de encontro com o desconhecido deram igualmente expressão a esse modo de vida. Por isso constituem uma dimensão importante na análise do universo estudantil, quer para captar formas específicas da cultura académica quer para ajudar a traçar a diversidade de lógicas e comportamentos que compõem, ainda hoje, a população universitária da cidade.

Nessa instituição setecentista, todos os aspectos da vida acadêmica, tanto dentro de sala e mediações do prédio quanto nas repúblicas e até fora delas, perpassam pelo “Código da Praxe Académica da Universidade de Coimbra”⁵, que se trata de uma espécie de manual do estudante coimbrão que descreve normas, condutas e preceitos e até vestimentas determinadas aos discentes da instituição e uma rígida hierarquia que deve ser seguida por eles.

A Praxe Académica actual constitui, no seu conjunto, um “objecto social total”, segundo o sentido de Marcel Mauss (1983: 274). Com efeito, este fenómeno complexo e multiforme participa do ritual, do lúdico, do festivo, do jurídico, do económico, do artístico, do político; associa práticas, objectos, uma gíria, insígnias, gestos, palavras, literaturas, formas gráficas, elementos sonoros; implica inúmeros indivíduos, grupos entidades e organismos. A Latada e a Queima das Fitas, que dela fazem parte, são acontecimentos sazonais que

⁵ Disponível em: <https://forumcoimbra.com/codigopraxe2007.pdf>. Acesso em: 24/10/2022.

regulam o calendário universitário, se não mesmo o da cidade. É necessário incluir também as repúblicas no campo da cultura académica, uma vez que estas possuem as suas próprias regras; se, nos dias de hoje e de um modo geral, as repúblicas são sobretudo críticas em relação à Praxe, até aos anos de 1960 foram o local do exercício de actos praxísticos. (FRIAS, 2003, p. 82).

Acerca das origens da Praxe, o autor engrandece o tema ao dar um contexto histórico da origem da palavra que designa esses ritos e demonstrar que a Praxe coimbrã é de fato um dos fatores que formam a identidade dessa universidade se comparado a outras do país. Cruzeiro (1979 *apud* FRIAS, 2003, p. 85) explica que

o aparecimento nos textos, por volta de 1860, da palavra “Praxe” traduz mais do que uma simples deslocação de sentido. Desde essa data, a Praxe Académica reúne numa mesma unidade semântica os comportamentos característicos, e até aí dispersos, do universo académico. Esta expressão sintética e *sui generis* emerge, devido a um aumento da concorrência entre a velha Universidade de Coimbra e outros estabelecimentos de ensino superior, técnico-científicos, então criados em Lisboa e no Porto.

E Frias (2003, p. 86) continua essa ideia, dizendo que é

uma competição que se acentua depois da instauração da República, com a criação das Universidades de Lisboa e do Porto em 1911, e, sobretudo, depois do 25 de Abril de 1974, com a multiplicação das Universidades Novas e dos Institutos Politécnicos, em busca de uma legitimidade e de uma “alma”.

A Praxe também é definida por Cruzeiro (1979, p. 797-798) como sendo “um conjunto de costumes praticados entre os estudantes de Coimbra que se relacionam não só com os 'caloiros', mas com tudo o que, de perto ou de longe, se refere à vida escolar [...] pode dizer-se, no entanto, que as ações mais visíveis da praxe se relacionam com os caloiros”.

Esse conceito se deve ao fato de que a praxe coimbrã se inicia com a chegada dos “caloiros” às repúblicas nas quais, a partir daí, são submetidos a vários trotes como, por exemplo, a não permissão do uso de talheres durante as refeições nos refeitórios académicos e punições como pancadas de colher de pau nas unhas da mão caso sejam encontrados na rua após a meia-noite. De acordo com a reportagem escrita por Valois (2012, n.p.), ex-aluna de Estudos Artísticos da Universidade de Coimbra, “se safam das praxes noturnas apenas os calouros que levarem consigo um instrumento musical e os que estiverem fortemente embriagados, que ganham a proteção do ‘deus Baco’, que é um dos preceitos previstos pelo Código da Praxe”.

O semestre letivo da Universidade de Coimbra se inicia em setembro e apenas ao final de outubro os trotes mais violentos diminuem após a realização da tradicional festa conhecida como “Latada”, que teve seu início no século XIX, tem a duração de uma semana e marca a recepção oficial dos calouros na universidade.

Segundo Valois (2012, n.p.),

o nome latada vem da tradição de bater latas, panelas e objetos metálicos durante o cortejo que ocorre no último dia da festa. Nesse dia, os estudantes fantasiados saem da universidade, na cidade alta, e vão até o Largo da Portagem, marco de entrada da cidade baixa, cantando músicas tradicionais.

Porém é importante citar que, assim como existe a Praxe, há o movimento antipraxe, que se trata dos estudantes e membros do corpo docente que renegam essas práticas e ritos mais violentos vivenciados na cidade. Sobre esse assunto, Frias (2003, p. 88) aponta que

a compreensão dos fenômenos “Praxe” e “anti-Praxe” e das suas gradações (indiferentes, praxistas, etc.) exige uma particular atenção ao modo como os indivíduos e os grupos (ou os *media*) chegam – ou não – a um consenso na criação das categorias e das classificações, e na delimitação das fronteiras social, semântica, territorial, temporal, ética. É por isso que, até a um certo ponto, as críticas da tradição e a tradição das críticas constituem um outro eixo dinâmico da Praxe Académica.

O autor aprofunda a explicação sobre esse movimento antipraxe demonstrando que esse sentimento contrário a esses ritos já existia desde o século XVIII. Para ele a “contestação da Praxe em Portugal não é coisa recente. Em textos que datam da primeira metade do século XVIII, já alguns estudantes atacam, por vezes em forma versificada, as assuadas rituais ou verbais: canelões e investidas.

Por seu lado, António Verney e António Ribeiro Sanches sugerem, para o primeiro caso, um “rigoroso castigo”, sem excluir a pena capital contra os que incomodam os *novatos*, sugerindo, para o segundo, o fim das “bárbaras e indecentes investidas, feitas com violência e sem respeito, estando os agressores armados como para o assalto a um castelo”. (SANCHES, 1959; FRIAS, 2003, p. 89).

Um dos aspectos que podem ser considerados mais notórios e visíveis da Praxe são as vestimentas utilizadas pelos estudantes da Universidade de Coimbra (FIGURA 4). Valois (2012) afirma que esses trajes são considerados um dos maiores símbolos das tradições universitárias de Coimbra, devido ao fato de serem usados nessa instituição desde o século XV, quando seu uso tinha o propósito de diferenciar

os estudantes dos demais cidadãos. Ele é recebido pelo aluno, no começo de maio, quando se celebra a formatura dos veteranos, no evento chamado de “Queima das fitas”⁶, que é considerada a maior festa acadêmica de Portugal. Nesse momento, após ter seu traje, os trotes são encerrados para esses calouros.

Figura 4: Trajes acadêmicos utilizados pelos alunos da Universidade de Coimbra.



Fonte: Site Universidade de Coimbra, s/d.⁷

Outro fator que demonstra a força e a popularidade desses trajes, assim como a força da tradição coimbrã, é o fato de que essas tradicionais vestimentas da Praxe, como os capes, toucas e véus, podem ser comparadas aos trajes dos estudantes de Hogwarts, a escola de magia e bruxaria, onde os filmes da saga de Harry Potter, baseados nos livros de mesmo nome da autora J. K. Rowling, se passam. Além disso, a tradição da Praxe de apresentar um estudante veterano como líder do grupo de estudantes também pode ser comparada ao papel dos "monitores" na escola de Hogwarts.

A ambientação da Universidade de Coimbra, com seus edifícios antigos, bibliotecas ricas em história e arquitetura imponente, também foram fonte de

⁶ O nome da festa remete ao novelo feito de fitas, portadas pelo estudante durante toda sua graduação. Essas fitas possuem cores diferentes, de acordo com o curso a que esse estudante pertence nessa universidade e, quanto maiores, mais próximo o aluno está de sua formatura, momento em que essas fitas são queimadas (VALOIS, 2012).

⁷ Disponível em: <https://www.uc.pt/sobrenos>. Acesso em: 23/03/2023.

inspiração para a criação da escola de Hogwarts assim como toda ambientação vista nos filmes. Ademais, a cidade de Coimbra, com sua rica história acadêmica e cultural, também pode ter sido fonte de inspiração para a criação da cidade fictícia de Hogsmeade. A autora J. K. Rowling passou algum tempo morando em Portugal, o que lhe deu a oportunidade de conhecer a cultura da Praxe de Coimbra e sua rica história acadêmica. Como explica Tonaco (2022, n.p.),

tal semelhança tem razão de ser. Rowling viveu em Portugal, se inspirando em muito do que viu e viveu, escrevendo parte do seu manuscrito no país. Os alunos usando capas escuras, circulando pelos nobres ambientes da universidade são uma visão que remetem aos livros, ou aos filmes de Harry Potter.

Fatos como esse só demonstram o quão longe as tradições que, até então, estão restritas ao específico público dos estudantes dessa instituição, podem chegar e o quanto a localidade onde esse modo de vida estudantil se desenvolve é afetada por esses jovens. As tradições estudantis em Coimbra e a Praxe portuguesa são de grande importância para a cultura e identidade estudantil em Portugal e muito valorizada pelos estudantes portugueses como uma forma de integração, solidariedade e respeito pela hierarquia dentro da Universidade. As festas são muito populares e aguardadas entre esses estudantes pois elas ajudam a criar uma forte comunidade estudantil, promovem a cultura e a tradição, e são uma forma de celebrar a vida acadêmica em Coimbra.

CAPÍTULO 2: VIDA UNIVERSITÁRIA OUROPRETANA: DAS ESCOLAS À UNIVERSIDADE FEDERAL

2.1 A Escola de Farmácia e a Escola de Minas em Ouro Preto

No Brasil, à época da colônia, ainda no século XVI, as primeiras tentativas de se criarem escolas de nível superior no território foram de iniciativa dos jesuítas, mas, segundo Fávero (2006), tal iniciativa encontrou resistência por parte da Coroa portuguesa que não via justificativa para existir uma instituição desse nível em uma colônia, já que o mais adequado na visão da Coroa era que os estudantes da elite colonial fossem complementar seus estudos no continente europeu.

Após mais de um século de tentativas frustradas, somente no ano de 1808, com a mudança da Família Real Portuguesa para o Brasil, os cursos de ensino superior, ainda voltados para o caráter profissionalizante, foram por fim institucionalizados.

Nesse contexto, no ano da transmigração da Família Real para o Brasil é criado, por Decreto de 18 de fevereiro de 1808, o Curso Médico de Cirurgia na Bahia e, em 5 de novembro do mesmo ano, é instituída, no Hospital Militar do Rio de Janeiro, uma Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica. Outros atos são sancionados e contribuem para a instalação, no Rio de Janeiro e na Bahia, de dois centros médico-cirúrgicos, matrizes das atuais Faculdades de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA). (VILLANOVA, 1948 *apud* FÁVERO, 2006, p. 20).

Em 1839, na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, é fundada a Escola de Farmácia (FIGURA 5), tida como a primeira da América Latina, desvinculando-se das faculdades de medicina do país.

(...) a Escola de Farmácia de Ouro Preto só foi criada pela lei nº 140, votada em 4 de abril de 1839 na Assembleia Legislativa de Minas Gerais e sancionada pelo Conselheiro Bernardo Jacinto da Veiga, Presidente da Província. Esta lei, na realidade, criava duas escolas, uma na capital da província - Ouro Preto - e outra na cidade de São João d'El-Rei. No entanto, apenas a primeira se concretizou.⁸

⁸ Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escfarop.htm>. Acesso em: 20/01/2023.

Figura 5: Prédio da Escola de Farmácia de Ouro Preto em 1921.



Fonte: Site da UFOP, s/d.⁹

Durante a sua história, essa escola teve vários endereços distintos. O primeiro, quando a instituição foi fundada, foi no edifício do Colégio Assunção, localizado no Largo de Coimbra. A partir de 1893, as atividades foram transferidas para o prédio situado na Rua Costa Sena, onde permaneceram até 2013. Esse prédio foi reconhecido como patrimônio histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1938 e, atualmente, abriga o Museu da Farmácia.¹⁰

Após 37 anos da criação da Escola de Farmácia, em 1876, a Escola de Minas (FIGURA 6) é fundada por Claude Henri Gorceix, a pedido de Dom Pedro II, e foi a primeira voltada aos estudos mineralógicos do país. A escolha da cidade para sediar a Escola de Minas se deveu ao fato de ser uma região rica geologicamente o que a tornava ideal para esse propósito.

Após um minucioso estudo feito aqui no Brasil, Gorceix chega à conclusão de que Ouro Preto era uma região de grande riqueza geológica e envia um relatório a D. Pedro II, informando ter encontrado o lugar ideal para fundar a sede da Escola.¹¹

⁹ Disponível em: <https://ufop.br/noticias/campi/escola-de-farmacia-comemora-182-anos>. Acesso em: 15/01/2023.

¹⁰ Disponível em: <https://ufop.br/noticias/campi/escola-de-farmacia-comemora-182-anos>. Acesso em: 22/03/2023.

¹¹ Disponível em: <http://www.em.ufop.br/index.php/historia>. Acesso em: 20/01/2023.

Figura 6: Tela do artista plástico José Rosário, retratando a Praça Tiradentes em 1885.



Fonte: Conheça Minas, 2016.¹²

Ainda a respeito da fundação da Escola de Minas, Carvalho (2010) explica que, em 1871, durante uma viagem à Europa, D. Pedro II entrou em contato com Auguste Daubr e, diretor da Escola de Minas de Paris, e pediu-lhe um documento sobre como explorar as riquezas minerais no Brasil. Daubr e, então, sugeriu a elabora o da carta geológica e o ensino da geologia por professores estrangeiros ou por brasileiros treinados no exterior. Em 1873, o diretor da escola parisiense anunciou ter encontrado uma pessoa para o trabalho e, em 1874, Claude Henri Gorceix, cientista de forma o francesa, assinou um contrato para organizar o ensino de mineralogia e geologia no Rio de Janeiro. O cientista se tornou amplamente reconhecido por ter dado grande contribui o   Escola de Minas, tanto pela organiza o que ele lhe deu, como pelo espírito que imprimiu a essa institui o.

Sobre esse assunto, Carvalho (2010, p. 37) ainda diz que

logo após sua chegada, em julho de 1874, Gorceix partiu, acompanhado por Ladislau Neto, diretor do Museu Nacional, para uma excursão ao Rio Grande do Sul, não se sabe bem por quê. De volta ao Rio de Janeiro, começou a organizar um laboratório de mineralogia e geologia, tarefa para a qual contou com o auxílio de um dos futuros professores da Escola de Minas e seu sucessor na dire o, Archias Eurípedes da Rocha Medrado. Só em fins de 1874 foi enviado a Minas Gerais pelo ministro do Império, para escolher um

¹² Disponível em: <https://www.conhecaminas.com/2016/12/praca-tiradentes-em-ouro-preto-ano-1885.html> Acesso em: 22/03/2023.

local para a instalação de uma escola de minas. Em julho de 1875, submeteu ao governo o relatório indicando o local e sugerindo o regulamento do estabelecimento.

A criação da Escola de Minas e da Escola de Farmácia em Ouro Preto é um marco na história do ensino superior no Brasil. Essas duas instituições do século XIX eram responsáveis por formar profissionais capazes de atuar na exploração mineral e na produção de medicamentos no país. Essas escolas também foram um reflexo da importância econômica da região de Minas Gerais que, na época, abrigava importantes jazidas de minérios.

Inicialmente a Escola de Minas iniciou suas aulas no antigo Palácio dos Governadores, no centro histórico de Ouro Preto e, posteriormente, pelo Decreto-Lei nº 778 de 21 de agosto de 1969 do Governo Federal, houve a incorporação da Escola de Minas à Escola de Farmácia, dando origem à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) (BRASIL, 1969), que, em 1995, teve a transferência de suas atividades para o campus Morro do Cruzeiro¹³, onde funciona atualmente. Ao longo dos anos, essa instituição ampliou sua oferta de cursos, oferecendo graduações em diversas áreas, como ciências sociais, ciências exatas, tecnologia e artes. A universidade também se destacou na área de pesquisa, tendo sido reconhecida como uma das instituições mais importantes do país em diversas áreas.

2.2 As primeiras repúblicas de Ouro Preto

Os primeiros registros de repúblicas estudantis nascem no contexto da mudança da capital de Minas Gerais para Belo Horizonte, em 1897, quando o ambiente de Ouro Preto se tornou ainda mais propício ao meio universitário, devido à tranquilidade e modo de vida interioranos além do grande número de casarões vazios por causa do êxodo urbano que a cidade sofreu com a transferência da capital para Belo Horizonte (SAYEGH, 2009).

No princípio a maioria dos alunos das Escolas de Farmácia e de Minas era originária principalmente dos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo e era comum o intercâmbio entre os estudantes de Ouro Preto e da cidade de Coimbra, Portugal. Grande parte desses estudantes ouro-pretanos vivia em casas destinadas a estudantes que passaram a ser denominadas “repúblicas”, nome importado pela

¹³ Disponível em: <https://ufop.br/historia-da-ufop>. Acesso em: 12/02/2023.

influência das moradias que abrigavam os alunos da Universidade de Coimbra (MACHADO, 2003) e que, segundo Sayegh (2009), na cidade portuguesa eram chamadas de “Nações”.

Por mais que não existam registros concretos acerca dessa denominação de “repúblicas”, a autora diz que é possível relacioná-la “à criação da forma de governo Republicano, emergente no século XIX, um sistema que elege seu presidente através do voto, deixando de lado a hereditariedade monárquica” (SAYEGH, 2009, p. 112).

Já no que diz respeito às moradias estudantis ouro-pretanas, Repolês (2007 *apud* SAYEGH, 2009, p. 114) diz que

atribuem-se duas possíveis explicações para a utilização do termo “República” no contexto das casas que abrigam os estudantes da Universidade de Ouro Preto, ambas relacionadas a esse significado político. Por um lado, tal termo alude à autonomia administrativa de que as Repúblicas gozam em relação à Universidade e reconhecida pela própria direção dessa. Por outro, remonta-se a um fato histórico. Quando do fim da Monarquia no Brasil e implantação da forma república, em 1889, os estudantes fizeram uma manifestação por ocasião da visita à então capital de Minas Gerais, do gabinete parlamentar imperial, encabeçado pelo Ministro Ouro Preto. Para demonstrar sua rejeição à Monarquia, os estudantes afixaram cartazes com a palavra ‘República’ nas fachadas das moradias estudantis.

Ainda de acordo com Sayegh (2009), o alvorecer dessas repúblicas estudantis em Ouro Preto ocorre no início do século XX devido ao cenário anteriormente citado de uma cidade esvaziada pela mudança da capital, o que ocasionou, do dia para a noite, uma grande queda em número populacional e um forte declínio econômico no município.

Até então, os estudantes que vinham de outras localidades residiam em pensões, mas, com o grande número de casas abandonadas, eles não tiveram dificuldades em se organizar e estabelecer moradia nesses casarões que à época estavam ociosos. Algumas casas eram colocadas para locação por um valor muito pequeno e muitas eram cedidas voluntaria e gratuitamente pelas famílias proprietárias aos estudantes como forma de evitar que o imóvel viesse a se deteriorar devido ao abandono, uma vez que tendo moradores, eles iriam cuidar da residência. Quanto à cessão dessas casas, MACHADO (2014, p.16) explica que

as famílias as liberavam porque era melhor deixá-los nas mãos dos estudantes que a cuidariam do que deixar desabá-las ou ser ocupadas por estranhos. A desvalorização dos imóveis era às vezes tão gritante que achavam melhor deixar de quitar os impostos, pois não compensava.

Desse modo, os estudantes passaram a residir, de forma coletiva, nesses casarões coloniais (FIGURA 7) e, seguindo o modelo que se vê na história das moradias estudantis em Coimbra, dividiam as despesas e organização dessas casas num sistema de autogestão e autonomia em relação à instituição em que estudavam.

Figura 7: Casarões coloniais ocupados atualmente por repúblicas federais.



Fonte: Acervo do autor, 2023.

Com o passar dos anos e conseqüente aumento populacional dessa classe jovem e estudantil, cada vez mais casas eram ocupadas por esses acadêmicos, o que os fez começar a nomear as residências como forma de diferenciá-las e atribuir a elas um caráter mais pessoal.

[...] na década de 1930 já havia em Ouro Preto cerca de seis repúblicas [...]. Este proferimento coincide com as datações apresentadas pelas próprias repúblicas, sendo, as seis mais antigas, em ordem de fundação: Castelo dos Nobres, 1919; Arca de Noé, 1927; Canaan, meados da década de 1920 ou 1930; Vaticano, 1935; Consulado, 1936 e Pureza, 1939. (SAYEGH, 2009 *apud* BOMFIM, 2013, p. 155).

Segundo Machado (2003), nessa época, surgiram entidades de assistência estudantil (Casa do Estudante de Ouro Preto, CEOP e Casa do Estudante da Escola de Minas - CEEM) que tinham por objetivo comprar ou construir casas para

estudantes. Com a aquisição dessas casas, elas passaram a abrigar várias repúblicas que, mais tarde, adotariam nomes como Canaan, Sparta, Pureza, Reino de Baco e Formigueiro, que, como afirma Sayegh (2009, p.114), eram

nomes que remetem a fatos inusitados ocorridos, gerados pelas brincadeiras estudantis, ou apenas se referindo à origem geográfica dos estudantes, como “República Consulado da Paraíba”, República Serigy (oriundos do Sergipe), República dos Cearenses, e assim por diante.

Esses imóveis foram transferidos em 1975 para o patrimônio da UFOP devido ao seu alto custo de manutenção, tornando-se assim repúblicas federais.

2.3 Tradições, festas e facetas das repúblicas federais da UFOP

Apesar de Ouro Preto não ser a única cidade brasileira a possuir repúblicas estudantis, é possível afirmar que nenhuma outra tem um contexto histórico tão rico e um número tão grande dessa forma de moradia (MORAES; MIRANDA, 2011, p. 5).

Como descrito anteriormente neste trabalho, as tradições republicanas em Ouro Preto são fortemente influenciadas pela Praxe portuguesa. Nessa cidade, os alunos que chegam para morar nas repúblicas também são submetidos a trotes que, por muitas vezes, continham certo caráter violento e que se iniciam na batalha, que é o período em que o “bixo” (denominação referente ao aluno pleiteador da vaga nessas moradias estudantis) tem que disputar sua permanência na casa, cumprindo todas as tarefas domiciliares que lhe são atribuídas além de participar, obrigatoriamente, de todas as festas que a república promover ou para a qual for convidada a participar.

Em algum momento durante esse período da batalha, o “bixo” receberá seu apelido de república, que a partir desse momento será seu novo nome em Ouro Preto, porém isso somente ocorre caso ele seja escolhido como morador dessa república. Nessa fase de “bixo”, essa pessoa não é considerada ainda um morador da casa, só alcançando esse status na festa da “escolha” que demora, geralmente, de três a quatro meses, como descrito por (BOMFIM, 2013, p. 162):

Na fase de “batalha de vaga”, como forma de subdivisões de tarefas da casa, o calouro se encarrega dos trabalhos mais braçais e, caso venha a ser “escolhido”, receberá um apelido e ascenderá ao posto de morador, em que assumirá outras responsabilidades perante a república. A “escolha” é uma comemoração bastante marcante para o ingressante na república, sendo um objetivo almejado por todos que optaram por estas moradias estudantis, já que, este ritual garante a vaga do “bixo” como “morador” da casa. Como é de

praxe em diversos rituais, esta transição é marcada por muita comida, bebida, cantorias (hinos e “rezas de cachaça”) e convidados.

Sobre esses hinos ou “rezas de cachaça” como descreve Bomfim, é importante citá-los, pois estão intimamente ligados a todos os momentos sociais da vida em república e também estão imbuídos de décadas de tradição. Toda república tem seu hino próprio que geralmente são declamados como uma espécie de grito de guerra a plenos pulmões pelos moradores da casa em momentos de festa ou em alguma situação que represente algo importante que está ocorrendo na república. É obrigação do “bixo” aprender a entoar o hino logo que chega à essa casa.

(...) é muito comum escutarmos ecoando nas ladeiras de Ouro Preto os brados de um estudante, ou de um grupo de discentes, entoando uma “reza de cachaça” ou o hino de uma república durante uma confraternização. Conforme elucidado anteriormente, a “reza de cachaça”, nesta cidade, consiste em declamar versos, normalmente rimados, raras vezes improvisados, de conotação cômica e lúdica, baseados em referências temático-religiosas e que evidenciam aspectos como o enaltecimento da bebida, da sexualidade, ou mesmo da república (...) As “rezas” que carregam uma conotação sexual e jocosa se assemelham bastante aos chamados “versos de rodeio” – principalmente na questão letrística e no ritmo da declamação, pois, a musicalidade, a linearidade melódica, é distinta -, contudo, não seria possível afirmar qual dessas práticas é a antecessora. (Bomfim, 2013, p. 169-170).

Para fazer parte dessas moradias, é necessário também absorver e contemplar toda a história daquela casa, como ainda descreve Bomfim (2013, p. 159), ao relatar sua passagem como morador de uma república ouro-pretana:

Durante minha graduação em Música (Licenciatura) na Universidade Federal de Ouro Preto, fui morador da República *Castelo dos Nobres*, entre os anos de 2007 e 2010, e tive acesso ao histórico da casa, assim como algumas informações sobre sua fundação, mudanças de local, estruturação, trajetória, ex-moradores, moradores, e, obviamente, ao regimento interno desta, moradia estudantil quase centenária.

O autor também destaca que, apesar do sistema de hierarquia que incorre dentro das repúblicas, a amizade e o sentimento de irmandade prevalecem: “estas moradias estudantis prezam muito pela forte amizade entre os moradores e por uma noção de solidariedade, denominada por muitos como ‘espírito republicano’”. (BOMFIM, 2013, p. 161).

A administração e aspectos peculiares, como ter seus próprios estatutos internos, placas e gritos de guerra que as caracterizavam como repúblicas ouro-pretanas, fizeram com que elas se tornassem parte da história da cidade. Segundo

(SAYEGH, 2009, p. 115), a cada mês, um dos moradores da casa era escolhido como “Presidente da República” e, durante esse mês, cabiam-lhe as funções de gerenciar os assuntos internos, com o cargo sendo alternado entre eles. Em geral, as repúblicas tinham uma ajudante geral que ficava responsável por cozinhar e algumas vezes por manter a limpeza da casa para os membros da república. Essa pessoa era chamada de “comadre” e, devido aos anos de relação que se construía, acabava por se tornar parte da república por meio de uma relação amigável que se fortalecia com o tempo.

Por fim, assim como na festa coimbrã da queima das fitas, em Portugal, a vida republicana se encerra em Ouro Preto com a inauguração do quadrinho (FIGURA 8) que representa a formatura do aluno geralmente trajando roupa formal (beca). Nessa ocasião, ele tem sua fotografia, emoldurada e imortalizada na parede da sala da república em que residiu durante seus anos de graduação, juntamente com as fotos de ex-alunos, os quais retornam à sua antiga moradia estudantil na época da tradicional “Festa do 12”, para festejar o aniversário da Escola de Minas (SAYEGH, 2009).

Figura 8: Sala de quadrinhos na República Aquarius.



Fonte: Acervo do autor, 2023.

A importância e simbologia que a inauguração do quadrinho representa na vida desse universitário, que nesse momento, já formado, tem aquele objeto como triunfo, um marco de que venceu a vida republicana em Ouro Preto, também é descrita por Bomfim (2013, p. 164-165), que resume os principais ritos de passagem da vida universitária republicana nessas moradias e descreve o tamanho do significado dessa foto emoldurada e exposta na parede:

Essencialmente, os rituais mais comuns em uma trajetória republicana seriam: “batalha de vaga”, “escolha”, “festas do 12 de Outubro” (ou festas do 21 de Abril), “formatura” e “retorno como ex-aluno”. A formatura também é um episódio importantíssimo na trajetória do estudante, pois, além de concluir o seu curso de graduação – iniciando uma nova fase em sua vida -, o recém-formado inaugura em sua república um “quadrinho” com sua foto, que permanecerá na república mesmo após seu falecimento. Logicamente, é seguida uma ordem de quadrinhos, desde o formando mais antigo até o mais recente, e, novamente, como mais uma passagem ritualística, são entoadas “rezas de cachaça”, hinos das repúblicas, acompanhadas de diversas bebidas, comidas, contando com a presença da família e convidados.

Vale ressaltar que o universo das repúblicas é ainda mais amplo que o descrito e que existem outras festividades e costumes que contemplam o dia a dia do republicano, mas, sem dúvidas, as tradições e festividades citadas anteriormente são as de maior relevância e as que mais marcam a passagem de um estudante da UFOP em sua jornada pela cidade de Ouro Preto.

CAPÍTULO 3: TRADIÇÕES DAS REPÚBLICAS FEDERAIS COMO PATRIMÔNIO DE OURO PRETO

3.1 Processo de registro do modo de vida republicano: proposta de patrimonialização e lançamento do livro sobre o tema

Levando em consideração as tradições e o modo de vida característicos das diversas repúblicas federais, cujos imóveis fazem parte do patrimônio da UFOP, em janeiro de 2022, o historiador e ex-aluno Otávio Luiz Machado, ex-morador da República Aquarius, apresentou documentação para dar entrada ao pedido de registro do modo de vida republicano das repúblicas da UFOP como patrimônio cultural imaterial de Ouro Preto (MACHADO, 2022c). Esse documento foi encaminhado ao Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural e Natural de Ouro Preto (Compatri) para elaboração do parecer técnico.

Analisando o documento citado e diante das afirmações feitas por Hobsbawm e Ranger (1984), observa-se que esse modo de vida republicano pode, primeiramente, ser considerado de fato tradição por suas características se encaixarem nas três categorias descritas pelos autores:

a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento. (RANGER, 1984, p. 18).

Num segundo momento, numa análise preliminar, essas tradições parecem ter as características necessárias para serem tombadas como patrimônio imaterial cultural, já que, segundo o IPHAN,

caracterizam-se pelas práticas e domínios da vida social apropriados por indivíduos e grupos sociais como importantes elementos de sua identidade. São transmitidos de geração a geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, sua interação com a natureza e sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade. [...] Os bens culturais imateriais passíveis de registro pelo Iphan são aqueles que detêm continuidade histórica, possuem relevância para a memória nacional e fazem parte das referências de grupos formadores da sociedade brasileira.¹⁴

¹⁴ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/606>. Acesso em: 11/03/2023.

Em fevereiro de 2023, Jaka, apelido republicano pelo qual Otavio Machado, proponente do pedido de registro, é conhecido pelos demais moradores das repúblicas, lançou o livro “Sentidos de pertencimento e identidade cultural: repúblicas estudantis de Ouro Preto e o patrimônio imaterial” (FIGURA 9), como forma de endossar e promover sua proposta de registro patrimonial.

Figura 9: Foto da capa do livro lançado em fevereiro de 2023.



Fonte: Acervo do autor, 2023.

Na ocasião da solenidade de lançamento do livro (FIGURA 10), que foi realizada no dia 2 de março de 2023, na Biblioteca Pública de Ouro Preto, Otavio aproveitou a presença de membros da imprensa local e da vice-prefeita da cidade, Regina Braga, para entregar a ela um abaixo-assinado com duas mil assinaturas a favor de que a proposta seja aceita e, assim, o modo de vida republicano se torne de fato patrimônio imaterial de Ouro Preto.

Figura 10: Solenidade de lançamento do livro de Otavio Machado em fevereiro de 2023.



Fonte: Fotos de Neno Vianna, Fernanda França, 2023.¹⁵

Após esse ato, Machado ressaltou a importância, na visão dele, de que a proposta seja aceita, pois, assim, segundo ele, tais tradições e histórias das vivências nas repúblicas de Ouro Preto estariam resguardadas e protegidas para que não se percam com o passar dos anos. Foi realizada pelo autor do livro a entrega de exemplares para a biblioteca municipal, para a biblioteca da UFOP e para membros das escolas municipais que compareceram ao ato de lançamento e posterior sessão de autógrafos e fotos com os membros presentes (FIGURA 11).

¹⁵ Figuras 10 e 11 foram retiradas do perfil oficial de Regina Braga no Instagram. Disponível em: <https://instagram.com/reginabragaop?igshid=YmMyMTA2M2Y=> . Acesso em: 20/03/2023.

Figura 11: Otavio Machado autografando exemplar do livro entregue a vice-prefeita de Ouro Preto, Regina Braga.



Fonte: Foto de Neno Vianna, Fernanda França, 2023.

Nesse livro, o autor volta a apresentar sua proposta de registro da vida republicana e afirma que “esta publicação busca dar maior publicidade ao trabalho em torno da proposta de registro da vida republicana das repúblicas da UFOP, por mim feita ao município de Ouro Preto” (MACHADO, 2022c, p. 26). Ele ainda aproveita esse momento de apresentação em seu livro para argumentar em defesa de sua proposta alegando que,

por mais que os registros históricos façam parte de uma companhia infinita para quem mora em Ouro Preto, a transmissão de conhecimento não pode cessar. É algo que está na essência das formas comunitárias existentes na vida universitária [...] Outro ponto a ser considerado é um fato da própria história de Ouro Preto há mais de cem anos e colocou o estudante como um elemento dinâmico na cidade para sempre [...] Com o conjunto de dados e informações que coletamos, logo a argumentação para o devido reconhecimento da vida republicana das repúblicas estudantis como patrimônio imaterial é passível de ser feita com o embasamento necessário para o atendimento dos requisitos técnicos e legais [...] Não se pode mais aceitar a banalização das repúblicas. Seria inimaginável se o sítio urbano de Ouro Preto, tombado como patrimônio histórico cultural da humanidade, sofresse ataques constantes quando um caso isolado de falta de preservação acontecesse, sendo Ouro Preto inteiramente atacada. O que traria de prejuízos à imagem das pessoas e à história do lugar seria imensurável. (MACHADO, 2022c, p. 26-27).

Machado (2022c) ainda faz menção a um argumento já utilizado em publicação do ano anterior, no qual afirma que

todas as formas de expressão que retratam o “saber viver”, “saber fazer” e “saber dizer” de grupos sociais que constituem parte do patrimônio cultural brasileiro são passíveis de proteção, reconhecimento e preservação. Para isso, é fundamental a identificação de bens e valores culturais que estão inseridos, inclusive, no maior conjunto de patrimônio cultural tombado reconhecido pela Unesco, como é o caso de Ouro Preto. (MACHADO, 2022b *apud* MACHADO, 2022c, p. 27).

Além de aspectos já mencionados acerca solicitação apresentada, Machado (2022c) traz em seu livro um resumo de histórias de todas as 171 repúblicas que fazem parte do texto de sua proposta de registro, que são as seguintes: Adegá, Afrodite, Alcateia, Alforria, Antares, Aquarius, Arca de Noé, Arcádia, Arte & Manha, Aruanda, Avalon, Bangaló, Bastilha, Baviera, Bem na Boca, Bicho do Mato, Bico Doce, Boite Casablanca, Butantan, Caixotinho, Calamidade Pública, Canaan, Cantinho do Céu, Casanova, Cassino, Castelo dos Nobres, Chega Mais, Cirandinha, Consulado, Convento, Copo Sujo, Cosa Nostra, Covil dos Gênios, Cruz Vermelha, Damas de Ouro, Doce Mistura, Doce Veneno, Dominakana, Dos Deuses, Eclipse, Espigão, Favinho de Mel, Feitiço, FG, Formigueiro, Gaiola de Ouro, Girassol, Hospício, Indignação, Jardim de Alá, Jardim Zoológico, Katapulta, Koxixo, Lua Azul, Lumiar, Maracangalha, Maria Bonita, Maria Maria, Marragolo, Maternidade, Minas das Minas, Minas de Ouro, Mistura Fina, Mistura Perfeita, Mixuruka, Namoradeiras, Nascente, Nau Sem Rumo, Necrotério, Ninho do Amor, Ovelha Negra, Palmares, Paraíso, Pasárgada, Partenon, Patotinha, Penitenciária, Peripatus, Pif-Paf, Poleiro dos Anjos, Pronto-Socorro, Pulgatório, Pureza, Quarto Crescente, Quase Normal, Quitandinha, Rebu, Reino de Baco, Santuário, Saudade da Mamãe, Senzala, Serena, Serigy, Sinagoga, Sonho, Snoopy, Sparta, Tabu, Tanto Faz, Taranóia, Território Xavante (TX), Tigrada, Tira Mágoa, Toda Menina, Toka, Trem de Doido, Unidos por Acaso (UPA), Vaticano, Verdes Mares, Vira Saia, Virada pra Lua, Volkana, Volúpia, Xamego, Xeque-Mate.

Repletas de histórias, essas repúblicas foram criadas como uma forma de organizar a vida dos estudantes fora do ambiente acadêmico, proporcionando-lhes um espaço para moradia, convivência e troca de experiências. Durante muito tempo, as repúblicas foram exclusivamente masculinas, mas a partir dos anos 1980, as

mulheres começaram a se juntar a essas moradias estudantis. Atualmente, as repúblicas são compostas por estudantes de diversas áreas de estudo.

3.2 Conflitos do modo de vida republicano e comunidade local na cidade de Ouro Preto

O modo de vida estudantil na cidade sempre foi um tema polêmico por causa da relação, por vezes conflituosa, entre os moradores das repúblicas e os habitantes locais, entidades civis e religiosas. Sobre essa questão, Machado (2022a) reproduz a fala do Sr. Magno, presidente do Compatri, em entrevista realizada pelo próprio autor: “Ouro Preto tem um histórico grande de conflitos entre as repúblicas e a comunidade cristalizado na memória popular, seja pela poluição sonora, pelos trotes, pelo assédio sexual e situações de mortes por coma alcoólico”.

Devido a fatos de violências, como os citados, além da forma como esse modo de vida é imposto aos alunos que optam por ir morar nessas repúblicas, tanto Ouro Preto como Coimbra começaram a vislumbrar, na última década, um movimento de estudantes que se recusam a participar e perpetuar essas tradições. Nesses últimos tempos, muitos passam a percebê-las como formas de humilhações e de ciclos de violência, em que os mais velhos castigam os recém-chegados repetindo o ocorrido em sua fase de calouros, quando também foram submetidos a esse mesmo tratamento (PIMENTEL, 2015; CAPUCHO, 2018).

Outro aspecto que tem feito os aprovados na Universidade Federal de Ouro Preto desconsiderarem morar nas repúblicas é que, assim como existe o “Código da Praxe” em Coimbra, as moradias estudantis ouro-pretanas possuem um sistema de autogestão e estatutos próprios (MACHADO, 2003) que, mesmo submetidos a um estatuto geral da UFOP, ainda lhes concede o direito de decidir quem sai e quem fica nessas residências, mesmo essas propriedades fazendo parte do patrimônio da faculdade e, portanto, terem o caráter federal. Esse sistema acaba por fazer com que esses estudantes recém-chegados fiquem “reféns” daqueles que compõem a gestão atual da casa, pois, se não os agradarem, serão expulsos conforme a vontade dos moradores.

Segundo uma aluna da UFOP em entrevista a Pimentel (2015, n.p.), esse foi um fato que ocorreu com ela quando pleiteava vaga em uma dessas repúblicas. A estudante o seguinte relato ao entrevistador: “a geração que estava lá não aprovou

que eu ficasse, sendo que é um direito meu, eu sou aluna da universidade. Se eu quisesse bater o pé e falar ‘eu quero ficar’ e aí? Agora, eu vou enfrentá-las pra morar com elas? É complicado”.

Por outro lado, há pessoas que defendem a proposta apresentada por Otávio Luiz Machado por considerarem a longa convivência histórica e harmoniosa entre republicanos e comunidade ouro-pretana. Para elas a patrimonialização do modo de vida republicano, além de resguardar as tradições, trará ganhos para o turismo do município.

Quanto a esse posicionamento favorável à patrimonialização, o presidente do Compatri, Carlos Magno, disse o seguinte:

“Na minha rua tem muitas repúblicas e a convivência sempre foi pacífica com todos os moradores da rua. Lembro da minha avó contar que toda a feira de quinta-feira uma pessoa da república ajudava ela a trazer as compras. Além da história de minha avó existe um histórico bonito da relação da comunidade com as repúblicas e acho uma pena os assuntos ruins permanecerem no imaginário”. (MACHADO, 2022^a, n.p.).

Outro argumento favorável a esse modo de vida é que, na ausência e distância de familiares, essa irmandade constituída nas repúblicas acaba por se tornar uma nova família dando suporte emocional para esses estudantes:

Nas repúblicas estudantis, seus moradores passam a se relacionar entre si, criando afinidades e passando a conviver com os colegas, de forma que dão sentido ao lugar onde moram, respeitando-se mutuamente e criando um ambiente onde também existe a sensação do aconchego. O sentimento de pertencimento e a cultura materializada através das relações humanas são responsáveis por transformar espaços em lugares, quando ocorre o estabelecimento de ligações entre espaço e sociedade, quando se criam afetos e reconhecimentos. (SAYEGH. p. 135, n.p.).

Há ainda quem considere as festas republicanas como um agente impulsionador do turismo na cidade. Sobre isso, Moraes e Miranda (2011, p. 3) afirmam que

em Ouro Preto, as repúblicas estudantis promovem eventos que estimulam o turismo. Um dos exemplos mais significativos é o carnaval, quando algumas das moradias estudantis organizam blocos carnavalescos, promovem festas e oferecem hospedagem em suas dependências. Para além do carnaval outro exemplo é a já citada Festa do Doze.

Portanto, fica evidente que existe uma linha tênue entre o que pode ser considerada tradição republicana e os trotes universitários considerados violentos ou

vexatórios que, na UFOP, por exemplo, são proibidos desde março de 2017 pela Resolução CUNI N° 1.870¹⁶.

Em pesquisas bibliográficas realizadas nos jornais locais, “Voz Ativa”¹⁷ e o “Liberal, Região dos Inconfidentes”¹⁸, é possível identificar alguns fatores pelos quais os temas repúblicas e vida universitária comumente viram notícias nesses portais de informações da cidade.

Quando pesquisado o termo “República” no site do Jornal Voz Ativa, num recorte temporal de 2011 a 2023, é possível encontrar cerca de 30 reportagens que retratam o tema, entre as quais oito notícias falam sobre festas, dando enfoque aos excessos cometidos e perturbação da paz por parte dos republicanos perante aos demais moradores ouro-pretanos. Há também outras com relatos de casos mais graves, como trote violento, um caso de morte de estudante após uma festa e um caso de estupro dentro de uma república ocorrido durante um carnaval. Porém, nesse site, as notícias com esse teor negativo são mais antigas. Já nos últimos anos foram encontradas notícias mais voltadas para ações sociais e solidárias realizadas por inúmeras repúblicas, como arrecadação e entrega de suprimentos e cestas básicas a famílias ouro-pretanas. Com esse viés, foram constatadas onze notícias no recorte temporal citado anteriormente.

Os resultados obtidos, quando pesquisado o mesmo termo no jornal Liberal, Região dos Inconfidentes, são bem similares ao descrito anteriormente, tanto em relação aos temas quanto ao número de reportagens, devido ao fato de as notícias tratarem, na maioria das vezes, sobre o mesmo fato.

3.3 Formulário de pesquisa e resultados

Foi desenvolvido e aplicado um formulário online APÊNDICE A que ficou aberto durante uma semana, entre os dias 13 e 19 de março de 2023, e foi coletado um total de 32 repostas. O entrevistado, antes de iniciar o preenchimento da pesquisa era informado, em uma breve apresentação, sobre o nome do pesquisador e de sua orientadora, o título da pesquisa, seu objetivo e, por fim, foi incluída nota assegurando

¹⁶ Disponível em: <https://prace.ufop.br/trote/resolucao1870.pdf>. Acesso em: 05/02/2023.

¹⁷ Disponível em: <https://jornalvozativa.com/?s=Republica>. Acesso em: 19/03/2023

¹⁸ Disponível em: <https://site.jornaloliberal.net>. Acesso em: 22/03/2023.

aos participantes de que todas as informações que foram fornecidas seriam mantidas em sigilo em relação à sua fonte.

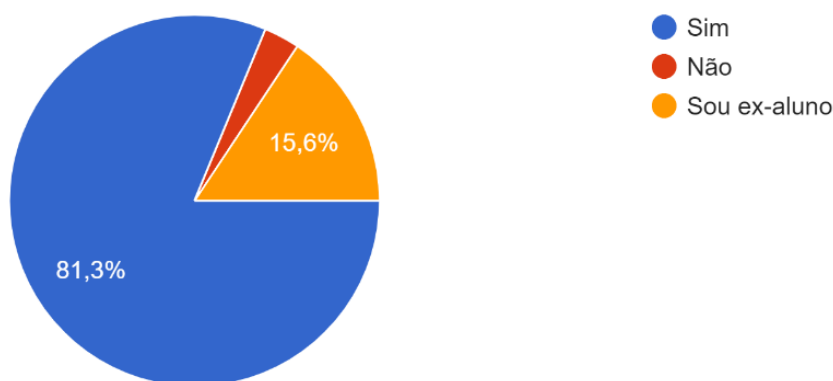
As respostas dadas pelos respondentes desse formulário se encontram no final deste trabalho, no APÊNDICE B.

3.3.1 Gráficos resultantes dos formulários

Logo após análise das respostas das perguntas fechadas realizadas no formulário, foram elaborados gráficos de pizza para uma análise quali-quantitativa, sendo possível, assim, uma melhor visualização percentual dos resultados obtidos de acordo com cada pergunta norteadora feita.

Na primeira questão do formulário foi perguntado ao entrevistado “Você é aluno da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP?”, para que fosse possível identificar a porcentagem, entre os respondentes, de quem tinha ou já teve vínculos com a instituição e de quem apenas reside na cidade sem vínculos com a faculdade (GRÁFICO 1).

Gráfico 1 - Percentual de estudantes, ex-alunos e não estudantes da UFOP.

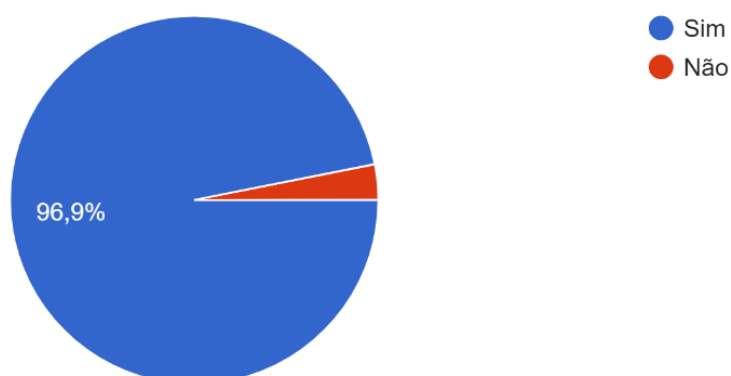


Fonte: Autoral.

De acordo com o GRÁFICO 1, pode-se constatar que 81,3% dos participantes são alunos da UFOP, 15,6% são ex-alunos da federal e 3,1% não possuem vínculos com a instituição. Sendo assim, é possível afirmar que a grande maioria dos que responderam ao questionário possuem ou já tiveram vínculos com a instituição na condição de aluno.

A segunda questão do formulário visava identificar se o respondente residia ou não na cidade de Ouro Preto, e assim foi gerado o GRÁFICO 2 por meio da pergunta: “Você reside em Ouro Preto?”.

Gráfico 2 - Percentual dos respondentes que residem em Ouro Preto, MG.

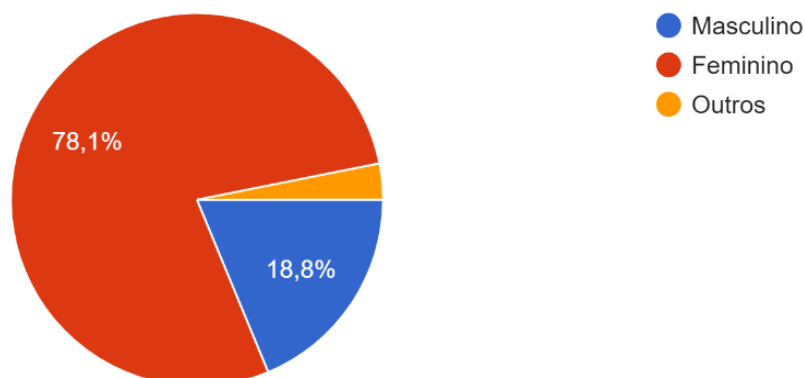


Fonte: Autoral.

O GRÁFICO 2 mostra que 96,9% afirmaram morar no município, perfazendo, assim, o perfil da maioria de respondentes desse formulário, e apenas 3,1% dos responderam que não residem na cidade.

A terceira questão, ainda no intuito de identificar o perfil do respondente, questionava sobre o sexo do entrevistado (GRÁFICO 3).

Gráfico 3 - Percentual de participantes por sexo.

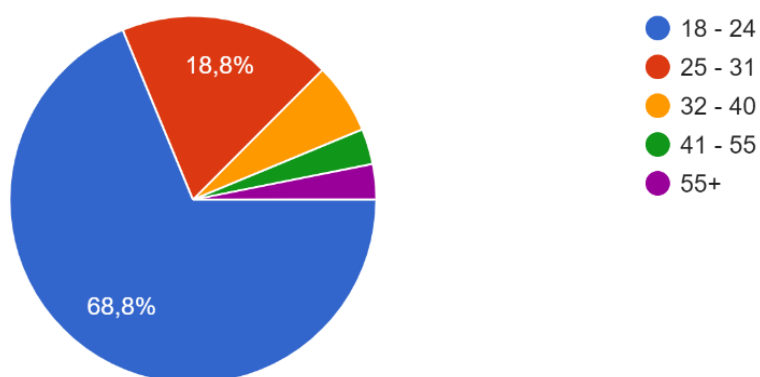


Fonte: Autoral.

Dentre os participantes, 78,1% declararam ser do sexo feminino, 18,8% pertencem ao sexo masculino e 3,1% declararam não pertencer a nenhum desses dois sexos, conforme demonstrado pelo GRÁFICO 3.

A faixa etária do respondente, ainda para montagem do perfil do entrevistado, foi questionado na quarta pergunta do formulário e expressa no GRÁFICO 4:

Gráfico 4 - Faixa etária dos respondentes.

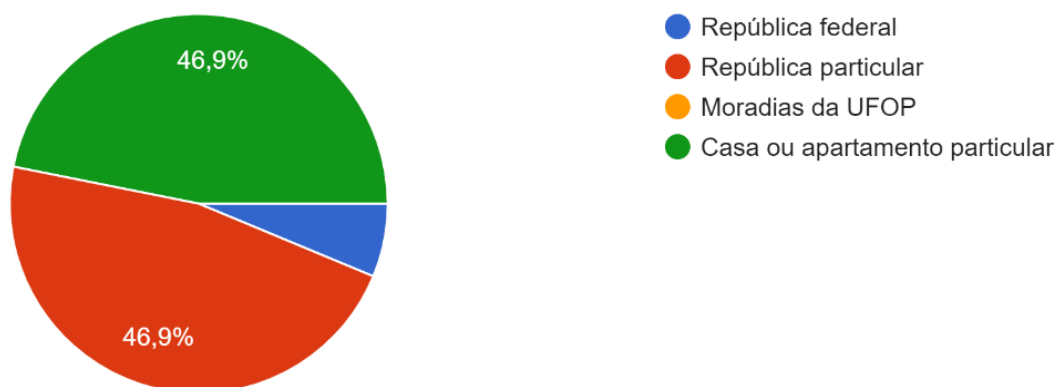


Fonte: Autoral.

O GRÁFICO 4 demonstra que 68,8% dos participantes da pesquisa têm de 18 a 24 anos, 18,8% possuem de 25 a 31 anos de idade, 6,3% têm de 32 a 40 anos, 3,1% pertencem à faixa etária de 41 a 55 anos e 3,1% têm mais de 55 anos de idade, o que caracteriza que o perfil dos respondentes é majoritariamente jovem.

Como forma de identificar de qual perfil viriam as visões sobre os próximos questionamentos e análise de opiniões, foi verificada, na quinta questão, a forma de moradia do respondente. Para isso foi feita o seguinte questionamento: “Você reside em:” (GRÁFICO 5).

Gráfico 5 - Percentual da forma de residência dos participantes.

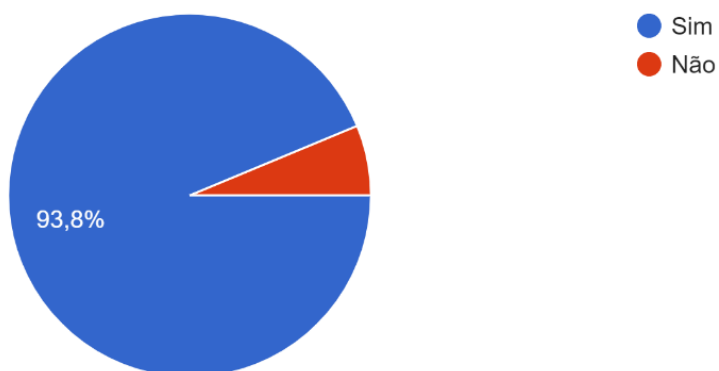


Fonte: Autoral.

Dos respondentes, 46,9% residem em república particular e outros 46,9%, em casa ou apartamento particular, enquanto apenas 6,3% alegaram residir em repúblicas federais e nenhum, nas moradias e apartamentos da UFOP, conforme mostra o GRÁFICO 5. Logo, por ter sido uma minoria de respondentes que alegou residir nas repúblicas federais, é possível deduzir que as respostas foram bastante neutras.

Na questão 6 (“Você considera importante para Ouro Preto ser uma cidade com forte presença de repúblicas e vida estudantil?”), foi objetivado quantificar a opinião dos entrevistados sobre a percepção em relação a importância da forte presença estudantil e de repúblicas na cidade (GRÁFICO 6).

Gráfico 6 - Percepção de importância da existência das repúblicas na cidade por parte dos entrevistados.



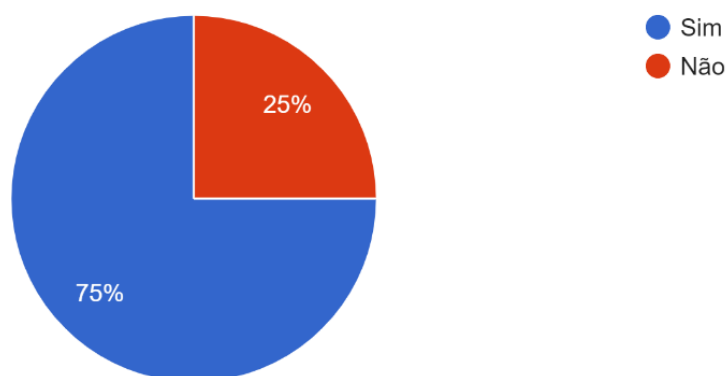
Fonte: Autoral.

De acordo com o GRÁFICO 6 pode-se perceber que 93,8% dos entrevistados consideram importante para o município de Ouro Preto ser uma cidade com forte presença estudantil e, conseqüentemente, com uma forte presença das repúblicas, enquanto 6,3% julgam não ser importante essa ocupação estudantil na cidade, ou seja, mesmo discordando ou tendo opiniões que vão contra o que prega o modo de vida republicano, os respondentes não negam que a forte presença dos estudantes na cidade impacta e é importante para o município.

Após a montagem do perfil do respondente, foi possível notar que a maioria se tratava de jovens, alunos da UFOP, majoritariamente do público feminino e que a maior parte não são residentes nas repúblicas federais.

Visto isso, era necessária informação a respeito da ciência desse público sobre o encaminhamento por Machado a órgãos competentes do pedido de registro patrimonial do modo de vida republicano em Ouro Preto. Dessa forma, a oitava questão do questionário trazia a pergunta: “Você tem conhecimento de que em 2022, o ex-aluno da República Aquarius Otávio Luiz Machado, também conhecido por seu apelido republicano Jaka, encaminhou para o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural e Natural de Ouro Preto (Compatri) uma proposta de registro da vida republicana das repúblicas estudantis da UFOP como patrimônio imaterial de Ouro Preto?”. Com as repostas, foi gerado o GRÁFICO 7.

Gráfico 7 - Percentual de respondentes sobre o conhecimento sobre o pedido de registro patrimonial.

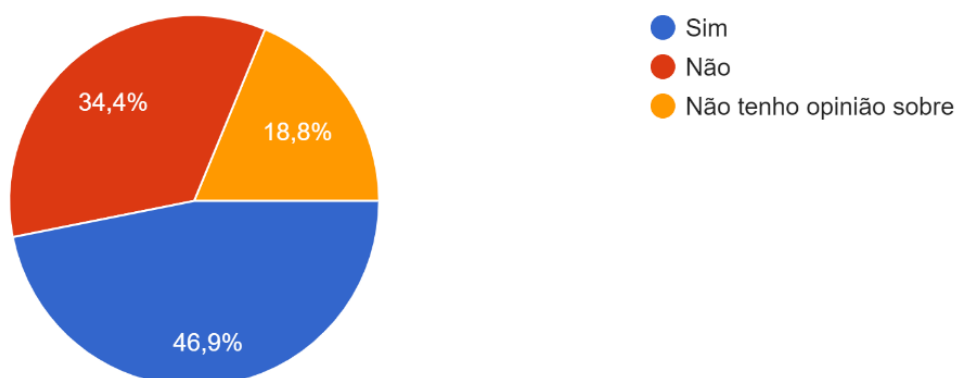


Fonte: Autoral.

Analisando o gráfico anterior, fica evidente que 75% dos entrevistados tinham conhecimento do fato de o ex-aluno e historiador Otávio Machado ter feito o pedido de registro do modo de vida republicano de Ouro Preto ao Compatri no ano de 2022, enquanto 25% negaram conhecimento sobre o ocorrido, o que demonstra que mesmo estando a maioria dos pesquisados dentro do meio universitário, ainda há $\frac{1}{4}$ dos respondentes que desconhece a proposta, o que pode demonstrar desinteresse sobre o tema “repúblicas” ou apenas que a divulgação da proposta não alcançou todo o público universitário.

Após medir o percentual de conhecimento e desconhecimento acerca da proposta por parte dos respondentes, foi questionado, no décimo item do formulário, se concordavam que essa proposta fosse aprovada e, conseqüentemente, o modo de vida republicano se tornasse de fato patrimônio imaterial da cidade. Para isso foi perguntado: “Você concorda que o modo de vida republicano das repúblicas federais deva se tornar um patrimônio imaterial de Ouro Preto?” (GRÁFICO 8).

Gráfico 8 - Percentual de concordância sobre a possibilidade de o modo de vida republicano se tornar patrimônio.



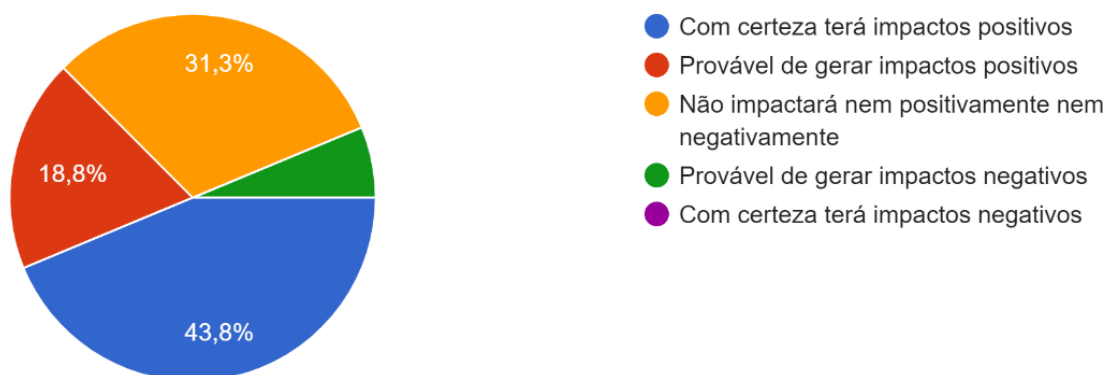
Fonte: Autoral.

De acordo com o GRÁFICO 8, o percentual de participantes da pesquisa que considera que o pedido de registro de autoria de Machado deva ser aprovado e o modo de vida republicano passe a ser patrimônio imaterial de Ouro Preto é de 46,9%, já 34,4% dos entrevistados não concordam com isso, enquanto 18,8% alegaram não ter opinião formada sobre o assunto. Isso demonstra que o percentual de quem

realmente concorda com a proposta, na amostragem obtida na referida pesquisa, não chega a ser metade do total dos respondentes.

Considerando que foi apontado na proposta de Machado, enviada para elaboração do parecer técnico em 2022, que, caso esse modo de vida alcançasse status de patrimônio imaterial da cidade, isso resultaria em impactos positivos para o turismo local, foi questionado na 12ª pergunta do formulário como os entrevistados avaliavam esse impacto. Para isso foi feita a seguinte pergunta: “Você considera que, caso a proposta seja aprovada, e o modo de vida republicano se torne patrimônio imaterial de Ouro Preto, isso trará impactos positivos para o turismo na cidade?” (GRÁFICO 9).

Gráfico 9 - Percepção dos entrevistados sobre como o turismo seria ou não afetado com a aprovação da proposta.



Fonte: Autoral.

Após avaliação dos resultados, observa-se que, na percepção dos entrevistados, 43,8% consideram que, caso a proposta seja aprovada, com certeza, isso trará impactos positivos no turismo na cidade; 31,3%, que isso não impactará nem positiva nem negativamente no turismo local; 18,8% acreditam ser provável que, em caso de se tornar patrimônio imaterial, esse fator possa trazer impactos positivos para o turismo, enquanto para 6,3% dos respondentes, isso tem possibilidade de gerar impactos negativos para o turismo local. Ninguém respondeu que tal aprovação vá trazer impactos negativos.

na cidade de Ouro Preto, por isso o destaque e a relação de palavras como “vínculos”, “integração”, “social” e “histórias” ligadas aos termos “repúblicas”, “universidade” e “moradores”. Porém é possível salientar que aspectos econômicos também têm visibilidade nessa nuvem, já que termos como “economia”, “aluguel” e “empregos” se encontram em evidência e centralizados na imagem.

Já a nuvem demonstrada pela FIGURA 13 foi gerada a partir da nona pergunta do formulário que questionava “O que você conhece sobre o modo de vida dos estudantes moradores das repúblicas federais de Ouro Preto?” e se relaciona à pergunta feita e expressa no GRÁFICO 8.

Figura 13: Nuvem de palavras gerada a partir da pergunta sobre o conhecimento do respondente sobre o modo de vida republicano.



Fonte: Autoral.

No contexto expressado pela FIGURA 13, é perceptível que, em se tratando das repúblicas e do modo de vida republicano, as características que os entrevistados mais conhecem são aspectos que de fato fazem parte das tradições e do dia a dia dos republicanos, como foi abordado durante a pesquisa. Como exemplos dessas tradições foram evidenciados os termos “hierarquia”, “batalha”, “festas”, “trotes”, “escolha” e “rocks”, que se referem à denominação das festas republicanas em Ouro Preto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contextualizar o alvorecer das instituições de ensino superior no continente europeu até se tornarem o que compreendemos como universidade, foi percebido que era necessário um olhar mais apurado para um dos principais agentes atuantes nessa história, os estudantes, que durante sua passagem nessas instituições, agregaram significados ao seu modo de vida, e isso, com o passar dos séculos, formaram as tradições universitárias.

Com os levantamentos bibliográficos e documentais realizados, percebeu-se que tais tradições se construíram com o tempo e quando encontraram o ambiente propício, a vivência estudantil. Primeiramente nas casas compartilhadas e posteriormente nas repúblicas, desabrocharam seus modos de viver que se popularizaram até alcançarem seu apogeu na Praxe coimbrã, que reúne os mandamentos de como um aluno coimbrão deve se portar desde o dia de sua entrada na universidade até a sua formatura.

Em Ouro Preto, Minas Gerais, o peso dessas tradições seculares e influência do modo de vida universitário português causaram, e ainda causam, profundo impacto no dia a dia dessa cidade desde a fundação das escolas de Farmácia e de Minas. Com a vinda dos estudantes para o município, atraídos pela oferta de cursos e estilo de vida interiorano, nasceram as repúblicas ouro-pretanas, que, após a integração desses imóveis ao patrimônio da Universidade Federal de Ouro Preto, passaram a ser repúblicas federais.

Nesses locais os estudantes, ao longo das décadas, fizeram de suas moradias seu modo de vida, e a sua maneira de viver passou a ser uma tradição que viria a influenciar a passagem dos futuros estudantes por essas mesmas repúblicas, ao mesmo tempo em que também causariam impactos, tanto positivos quanto negativos, na comunidade local, deixando sua marca literalmente registrada pelas placas que identificam os nomes e locais dessas residências estudantis de Ouro Preto.

Uma vez que o pedido de registro continua em análise e nenhuma resolução foi tomada até o momento, este trabalho não se propõe a avaliar se a referida proposta deva ou não ser aceita, mas, sim, trazer à luz o assunto e projetar as discussões sobre a relevância de se patrimonializar algo, principalmente no contexto de uma cidade como Ouro Preto, que vive e respira patrimônio desde 1938 quando foi uma das primeiras cidades do país a ser tombadas como patrimônio pelo IPHAN e a primeira

cidade brasileira a receber o título de Patrimônio Mundial, conferido pela Unesco, em 1980²⁰.

Para a população local, que tem como patrimônio desde o calçamento das ruas em que transita até as paredes e azulejos dos casarões coloniais, conjuntos arquitetônicos das imponentes igrejas e obras artísticas de grandes mestres, como Manuel da Costa Ataíde, mais conhecido como Mestre Ataíde, e o ilustre Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido como Aleijadinho, seria de interesse do público local continuar tornando tudo um patrimônio, ou, em outras palavras, o ato de tomba ou registrar algo, seja material ou imaterial, tem algum sentido se tudo se tornar patrimônio? Essa indagação se aplica ao assunto aqui desenvolvido, principalmente por se tratar de um tema, que, conforme demonstrado nesta pesquisa, não é uma unanimidade na sociedade local, tendo quem ame e quem odeie o modo de vida republicano que é o “objeto-alvo” da proposta de patrimonialização, convivendo no mesmo espaço urbano.

Aliás, a proposta de registro imaterial do referido modo de vida pode ser vista como uma luta por espaços, por reconhecimento de sua identidade e pelo direito de ser resguardada pelo tempo, como discorre Gonçalves (2015, p. 213):

Assim, é comum que se assumam como um dado que os patrimônios materiais ou imateriais expressam ou representam a “identidade” de grupos e segmentos sociais. Um tipo de arquitetura, assim como uma culinária, uma atividade festiva, uma forma de artesanato ou um tipo de música, pode ser identificado como “patrimônio cultural” na medida em que é reconhecido por um grupo (e eventualmente pelo Estado) como algo que lhe é próprio, associado à sua história e, portanto, capaz de definir sua “identidade”. Defender, preservar e lutar pelo reconhecimento público desse patrimônio significa lutar pela própria existência e permanência social e cultural do grupo.

Entretanto é preciso que todos os envolvidos no processo tenham suas vozes ouvidas e deem suas opiniões sobre o que ocorre no próprio espaço onde se vive. É preciso avaliar a quem essas patrimonializações e registros estão atendendo, para que não haja exageros ou até mesmo uma banalização do que é patrimônio e do que poderia ser patrimonializado. Essa preocupação com o que se patrimonializar é descrita por Hartog (2003 *apud* GONÇALVES, 2015, p. 216) que considera que “os patrimônios são percebidos como ‘sintomas’ de nossas experiências do tempo: ao

²⁰ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/373/>. Acesso em: 22/03/2023.

descrever e analisar suas variações históricas e geográficas, estaríamos na verdade comparando formas diversas de se experimentar o tempo”.

Gonçalves (2015) continua analisando o raciocínio de Hartog (2003 *apud* GONÇALVES, 2015, p. 217) que explica que

essa expansão extraordinária dos patrimônios no mundo contemporâneo deve ser entendida como o sintoma de uma crise nas formas como experimentamos as relações entre passado, presente e futuro. Essa expansão consiste na crise de um determinado “regime de historicidade”, o regime “modernista” ou “futurista”, que se caracteriza pela valorização positiva do “futuro”. Esse regime estaria, de certo modo, sendo substituído por um outro, no qual o “presente” é fortemente valorizado: o regime “presentista”.

Segundo Gonçalves (2015, p. 217), “nesse novo regime, o passado seria obsessivamente reproduzido como objeto de fruição, mas não como base para uma projeção positiva no futuro”.

E para concluir esse pensamento, o autor continua citando as ideias de Hartog sobre o assunto:

O regime “presentista” representa, para Hartog, uma crise dessa valorização positiva do futuro e, conseqüentemente, uma ênfase excessiva no presente. O futuro vem a ser inibido em favor de um passado que invade o presente na forma de “patrimônios”, ou na forma de objetos e formas de vida que são colecionados e expostos em museus e em espaços musealizados das cidades, para serem apreciados e consumidos num presente que se configura como eterno (HARTOG, 2003 *apud* GONÇALVES, 2015, p. 217).

Em Ouro Preto, por mais de uma vez, a população se manifestou, por meio de pichações em monumentos (FIGURA 15 e 16), uma possível insatisfação com o fato de haver tantos patrimônios na cidade. Essas manifestações levam a pensar que esses insatisfeitos não identificam ou reconhecem esses monumentos como algo pertencente ao povo do lugar, um patrimônio próprio.

Figura 15: Pichação na lateral do Museu da Inconfidência.



Fonte: Cláudia Klock, 2017²¹.

Figura 16: Pichação na parede externa de uma casa no bairro Rosário em Ouro Preto (MG).



Fonte: Desconhecida, s/d.²²

As FIGURAS 15 e 16 demonstram a indignação que essa parte da sociedade tem em relação ao tema. Esses atos são uma forma de expor o quanto essa parcela da população se sente excluída de algo que deveria representá-la gerando assim esse sentimento ambíguo causado ao não conseguir se enxergar em um ato tão representativo que é a patrimonialização de um bem material ou imaterial pertencente

²¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/policia-investiga-pichacao-no-museu-da-inconfidencia-em-ouro-preto.ghtml> Acesso em: 22/03/2023.

²² Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/8456?lang=pt> Acesso em: 22/03/2023.

a sua cidade e/ou a um grupo do qual faz parte ou ao qual está de alguma forma relacionada e durante o qual sequer foi consultada, fazendo com que essa população não se sinta parte e nem tenha voz nesse processo.

Ao longo deste trabalho, pôde-se observar que o modo de vida republicano em moradias estudantis federais de Ouro Preto é pautado nas tradições trazidas desde sua criação. As batalhas, as placas de identificação do “bixo”, as festas comemorativas, a inauguração dos quadrinhos, os hinos, entre outros são, diante do olhar da maioria dos moradores das repúblicas, a consolidação da memória de um grupo, no caso, dos estudantes republicanos da UFOP, e, diante disso, passível de se patrimonializar.

No projeto de registro do modo de vida enviado ao Compatri para análise, o ex-aluno da república Aquáriu Otavio Luiz Machado, defende a proposta de tornar patrimônio o modo de vida republicano e para isso apresenta no documento os requisitos para que esse fato se concretize. Porém é válido lembrar que, ao serem questionados sobre a concordância ou não com a patrimonialização do modo de vida desse grupo, o número de respondentes do formulário apresentado neste trabalho que demonstrou ser a favor não chegou a ser metade dos pesquisados, o que leva à necessidade de refletir se de fato esse tal modo de vida republicano, apesar de ter sua importância para o grupo em questão, deva ser considerado patrimônio imaterial da cidade.

Além disso, deverá ser levado em consideração o que esse registro trará de benefícios para o município em relação ao desenvolvimento socioeconômico e para a comunidade local. Inclusive, apesar de a maioria dos respondentes avaliarem a presença das repúblicas e suas tradições como importante para o turismo local, é preciso também serem considerados se os impactos que esse tipo de turista trazido à cidade por meio das festas realizadas pelos republicanos causa ao município e à sua população local. Portanto, é muito relevante levar em conta os benefícios e os malefícios que esse tipo de turismo causa para Ouro Preto, que é uma cidade que tem um lado histórico e uma arquitetura barroca que precisam ser preservados devido ao seu grande valor histórico e cultural para a humanidade.

Diante do exposto e dos fatos analisados no desenvolvimento desta pesquisa, seria imprescindível que os órgãos responsáveis juntamente com representantes da sociedade local debatam o assunto e façam uma análise detalhada e profunda sobre esse processo para que se evite, além dos aspectos já citados, a banalização do ato

de patrimonialização tão importante para a preservação de bens materiais e imateriais de um povo.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, G. Universidades Medievais. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 9, n. 1, p. 9-19, 1975. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/cgbWCHL7sDdBzhFXxSvpt6t/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 21/10/2022.

ANDRÉ, M. E. D. A. Estudo de caso: seu potencial na educação. **Cad. Pesq.**, v. 49, p.51-54, maio 1984. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n49/n49a06.pdf>.

Acesso em: 22/03/2023.

BOMFIM, Leonardo Corrêa. A ritualização nas repúblicas federais de Ouro Preto–MG: dos hinos às “rezas de cachaça” e suas implicações. **O Gosto da Música**,

2013. Disponível em: [http://musimid.mus.br/9encontro/wp-](http://musimid.mus.br/9encontro/wp-content/uploads/2013/11/9musimid_bomfim.pdf)

[content/uploads/2013/11/9musimid_bomfim.pdf](http://musimid.mus.br/9encontro/wp-content/uploads/2013/11/9musimid_bomfim.pdf) . Acesso em: 22/02/2023.

CARVALHO, J. M. **A Escola de Minas de Ouro Preto**: o peso da glória. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais [online], 2010. 196 p. Disponível em:

<https://static.scielo.org/scielobooks/7j8bc/pdf/carvalho-9788579820052.pdf>. Acesso

em: 10/02/2023.

CAPUCHO, Joana. Eles disseram não à praxe. **Diário de Notícias**, out. 2018.

Disponível em: [https://www.dn.pt/edicao-do-dia/22-out-2018/eles-disseram-nao-a-](https://www.dn.pt/edicao-do-dia/22-out-2018/eles-disseram-nao-a-praxe-10020793.html)

[praxe-10020793.html](https://www.dn.pt/edicao-do-dia/22-out-2018/eles-disseram-nao-a-praxe-10020793.html). Acesso em: 13/03/2023.

CRUZEIRO, M. E. Costumes estudantis de Coimbra no século XIX: tradição e conservação institucional. **Análise Social**, v. 15, n. 60, p. 795-838, 1979. Disponível

em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223990403T2oCN9gi5Xo15HK9.pdf>.

Acesso em: 26/11/2022.

DELGADO, Malu. Na mira do trote: denúncias de violência entre estudantes põem na berlinda a Faculdade de Medicina da USP. **Folha de São Paulo**, 101. ed., fev.

2015. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/na-mira-do-trote/>. Acesso

em: 13/03/2023.

ESTANQUE, Elísio. As repúblicas de Coimbra: entre o passado e o presente (Parte 1). **Canal CES**, 2005. Disponível em:

<https://saladeimprensa.ces.uc.pt/index.php?col=opiniaoid=1831#.Y2Gh2prMLIU>.

Acesso em: 20/12/2022.

ESTANQUE, Elísio. Cultura estudantil, “Repúblicas” e participação cívica na Universidade de Coimbra. In: PAIS, J. M.; BENDIT, R.; FERREIRA, V. S. (Orgs.). **Jovens e rumos**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2011. p. 395-414. Cap. 19. Disponível em:

https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/38167/1/ICS_JMPais_Jovens.pdf. Acesso em: 20/12/2022.

FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A universidade no Brasil: das origens à reforma universitária de 1968. **Educ. Rev.** [online]. n. 28, p.17-36, 2006. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S010440602006000200003&script=sci_abstract&tlng=pt . Acesso em: 02/02/2023.

FRIAS, Aníbal. Praxe académica e culturas universitárias em Coimbra: lógicas das tradições e dinâmicas identitárias. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 66, p. 81-116, 2003. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/1147?lang=es>. Acesso em: 20/12/2022.

Gil, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1991. Disponível em: https://sgcd.fc.unesp.br/Home/helberfreitas/tcci/gil_como_elaborar_projetos_de_pesquisa_-anto.pdf. Acesso em: 09/06/2022.

GONÇALVES, J. R. S. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, p. 211-228, jan.-jun. 2015.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/eh/a/FqbLtvWWzbnkQGZQsb5jkrjr/?lang=pt&format=pdf>

Acesso em: 22/03/2023.

GRÁCIO, M. M. C.; GARRUTTI, É. A. Estatística aplicada à educação: uma análise de conteúdos programáticos de planos de ensino de livros didáticos. **Revista de Matemática e Estatística**, São Paulo, v. 23, n. 3, p.107-126, abr. 2005. Disponível em:

https://www.academia.edu/37378616/ESTAT%C3%8DSTICA_APLICADA_%C3%80_EDUCA%C3%87%C3%83O_UMA_AN%C3%81LISE_DE_CONTE%C3%9ADOS_PROGRAM%C3%81TICOS_DE_PLANOS_DE_ENSINO_E_DE_LIVROS_DID%C3%81TICOS. Acesso em: 09/12/2022.

HARTOG, François. Régimes d'historicité: présentisme et expériences du temps. Paris: Seuil, 2003 *apud* GONÇALVES, J. R. S. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, p. 211-228, jan.-jun. 2015.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4504477/mod_resource/content/1/HOBSBAWM%2C%20E.%20Invenção%20das%20tradições.%20Introdução.pdf Acesso em: 10/10/2022.

JANOTTI, Aldo. Origens da universidade: a singularidade do caso português. 2. ed., São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992 *apud* LAMPERT, Ernani. A universidade: da Idade Média à época atual. **História da educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas-RS, v. 2, p. 69-81, set. 1997. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30665/pdf>. Acesso em: 15/12/2022.

LAMPERT, Ernani. A universidade: da Idade Média à época atual. **História da educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas-RS, v. 2, p. 69-81, set. 1997. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30665/pdf>. Acesso em: 15/12/2022.

LEGOFF, Jacques. Os intelectuais na Idade Média. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989 *apud* LAMPERT, Ernani. A universidade: da Idade Média à época atual. **História da educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas-RS, v. 2, p. 69-81, set. 1997.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30665/pdf>. Acesso em: 15/12/2022.

MACHADO, Nivia. Tradições em repúblicas de Ouro Preto podem se tornar patrimônio imaterial. **Estado de Minas Gerais**, 15 fev. 2022a. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2022/02/15/interna_gerais,1345213/tradicoes-em-republicas-de-ouro-preto-podem-se-tornar-patrimonio-imaterial.shtml. Acesso em: 08/03/2023.

MACHADO, Otávio Luiz. República Pif-Paf de Ouro Preto: criada para a eternidade. Frutal: Prospectiva, 2022b apud _____ (Org.). **Sentidos de pertencimento e identidade cultural**: repúblicas estudantis de Ouro Preto e o patrimônio imaterial. Frutal: Prospectiva, 2022c.

MACHADO, Otávio Luiz (Org.). **Sentidos de pertencimento e identidade cultural**: repúblicas estudantis de Ouro Preto e o patrimônio imaterial. Frutal: Prospectiva, 2022c.

MACHADO, Otávio Luis. As repúblicas estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 66, p.197-199, 2003. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/1174>. Acesso em: 16/02/2023.

MORAES, C. C. A; MIRANDA, Bruna P. Repúblicas estudantis: a tradição como potencialidade turística em Ouro Preto (MG). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300932593_ARQUIVO_REPUBLICAESTUDANTIS.pdf. Acesso em: 16/02/2023.

NUNES, Ruy da Costa. História da educação na Idade Média. São Paulo: EPU, 1979 *apud* LAMPERT, Ernani. A universidade: da Idade Média à época atual. **História da educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas-RS, v. 2, p. 69-81, set. 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30665/pdf>. Acesso em: 15/12/2022.

PIMENTEL, Thais. 'Batalha de vagas' espanta calouros de repúblicas federais de Ouro Preto. **G1**, 31 mar. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/03/batalha-de-vagas-espanta-calouros-de-republicas-federais-de-ouro-preto.html>. Acesso em: 13/02/2023.

OLIVEIRA, Terezinha. Origem e memória das universidades medievais: a preservação de uma instituição educacional. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 23, n. 37, p.113-129, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/ij/vh/a/cXPxM5pdFbzfV6h987cLzMm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19/10/2022.

REPOLÊS, María Fernanda Salcedo. Início de pesquisa nas repúblicas de Ouro Preto: como funcionam as relações de poder? In: MACHADO, Otávio Luiz (Org.). *Repúblicas de Ouro Preto e Mariana: trajetórias e importância*. Recife: Centro de Tecnologia e Geociências, Coordenação de Extensão, Universidade Federal de Pernambuco, 2007. Não paginado. 1 CD- ROM *apud* FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. *A universidade no Brasil: das origens à reforma universitária de 1968*. **Educ. Rev.** [online]. n. 28, p.17-36, 2006. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S010440602006000200003&script=sci_abstract&tlng=pt . Acesso em: 02/02/2023.

SAYEGH, Liliane Márcia Lucas. **Dinâmica urbana em ouro preto**: conflitos decorrentes de sua patrimonialização e de sua consolidação como cidade universitária. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2009.

SILVA, Otávio Luiz Machado. Documento: conheçam a proposta inicial com o pedido de registro da vida republicana das repúblicas estudantis da UFOP como patrimônio imaterial de Ouro Preto. **Projeto Ouro Preto patrimônios**, fev. 2022. Disponível em: <https://ouopretopatrimonios.blogspot.com/2022/02/documento-conhecem-proposta-inicial-com.html> Acesso em: 10/03/2022.

SIMÕES, Mara Leite. O surgimento das universidades no mundo e sua importância para o contexto da formação docente. **Temas em Educação**, v. 22, n. 02, jul.-dez.

2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/17783>

Acesso em: 10/01/2023.

TONACO, Claudia. Universidade de Coimbra = Harry Potter + os morcegos da biblioteca, **Revista Travel3**, fev. 2022. Disponível em:

<https://www.travel3.com.br/destaque/universidade-de-coimbra/#:~:text=Tal%20semelhança%20tem%20razão%20de,aos%20filmes%20de%20Harry%20Potter>. Acesso em: 28/10/2022.

VALOIS, Maria Luiza. Tradições acadêmicas com mais de 700 anos de história em Coimbra. **Globo Universidade**, 2012. Disponível em:

<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/02/tradicoes-academicas-com-mais-de-700-anos-de-historia-em-coimbra.html>. Acesso em: 25/10/2022.

VILLANOVA, José (Org.). Universidade do Brasil. Rio de Janeiro: Serviços dos Países S.A., 1948 *apud* FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A universidade no Brasil: das origens à reforma universitária de 1968. **Educ. Rev.** [online]. n. 28, p.17-36, 2006. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S010440602006000200003&script=sci_abstract&tlng=pt . Acesso em: 02/02/2023.

APÊNDICES

Apêndice A - Formulário de Pesquisa

Formulário sobre a percepção, conhecimento e opiniões acerca da proposta de registro da vida republicana das repúblicas estudantis da UFOP como patrimônio imaterial de Ouro Preto

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa referente ao trabalho de conclusão de curso em andamento, intitulado:

"AS TRADIÇÕES NAS REPÚBLICAS FEDERAIS ESTUDANTIS: UM ESTUDO DE CASO DA PROPOSTA DE PATRIMONIALIZAÇÃO DO MODO DE VIDA REPUBLICANO NA CIDADE DE OURO PRETO - MG", do aluno do curso de Turismo, Vinicius Alexsander Santos, sob orientação da Prof.^a Dra. Maria Do Carmo Pires (DETUR/UFOP).

Ressaltando que qualquer informação que possa identificar os participantes desta pesquisa será mantida em SIGILO, ou seja, de nenhuma maneira serão publicadas ao público acadêmico e demais leitores. O que interessa para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho são apenas os dados coletados a partir da aplicação do questionário abaixo.

Agradeço a participação de todos.

Contato:

vinicius.alexander@aluno.ufop.edu.br

1 - Você é aluno da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP?

- Sim
- Não
- Sou ex-aluno

2 - Você reside em Ouro Preto?

- Sim
- Não

3 - Sexo:

- Masculino
- Feminino
- Outros

4 - Faixa etária:

- 18 - 24
- 25 - 31
- 32 - 40

41 - 55

55+

5 - Você reside em:

República federal

República particular

Moradias da UFOP

Casa ou apartamento particular

6 - Você considera importante para Ouro Preto ser uma cidade com forte presença de repúblicas e vida estudantil?

Sim

Não

7 - Por que você considera ou não essa importância?

8 - Você tem conhecimento que em 2022, o Ex-aluno da República Aquarius Otávio Luiz Machado, também conhecido por seu apelido republicano Jaka, encaminhou para o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural e Natural de Ouro Preto (Compatri) uma proposta de registro da vida republicana das repúblicas estudantis da UFOP como patrimônio imaterial de Ouro Preto?

Sim

Não

9 - O que você conhece sobre o modo de vida dos estudantes moradores das repúblicas federais de Ouro Preto ?

10 - Você concorda que o modo de vida republicano das repúblicas federais deva se tornar um patrimônio imaterial de Ouro Preto?

Sim

Não

Não tenho opinião sobre

11 - Qual a sua opinião sobre o modo de vida republicano das repúblicas federais se tornarem um patrimônio imaterial de Ouro Preto ?

12 - Você considera que, caso a proposta seja aprovada, e o modo de vida republicano se torne patrimônio imaterial de Ouro Preto, isso trará impactos positivos para o turismo na cidade?

Com certeza terá impactos positivos

Provável de gerar impactos positivos

- () Não impactará nem positivamente nem negativamente
- () Provável de gerar impactos negativos
- () Com certeza terá impactos negativos

Apêndice B – Respostas das perguntas abertas do formulário de pesquisa

7 - Por que você considera ou não essa importância?

- Pois toda a economia e vida social na cidade é afetada pela grande presença dos estudantes

- A vida universitária em Ouro Preto já é cultural e intrínseca da cidade, são os estudantes que movimentam a maior parte da economia da cidade durante o período letivo.

- Giro da economia

- Para o crescimento pessoal

- Movimentação do comércio e da cultura

- Porquê de certa forma é o que movimenta a cidade. Por exemplo, o carnaval de Ouro Preto só é conhecido por conta da organização das repúblicas para esta data.

- Pela experiência que tive até o momento em república, pude perceber (em mim) um grande crescimento pessoal e amadurecimento.

- As repúblicas têm papel importante na recepção dos alunos que vem de outras cidades e estados, promovendo importante integração e convívio entre estudantes dos mais variados cursos.

- Para desenvolvimento econômico e social da cidade.

- Considero devido ajudar na economia da cidade e essa troca entre moradores de Ouro Preto e alunos que não nasceram em Ouro Preto

- Acredito que república gera vínculos, disciplinas e aprendizados que nenhuma universidade por si só conseguiria fornecer.

- A principal causa de escolha das repúblicas é o custeio, enquanto em uma república a caixinha custa em média 400,00 (luz, água, telefone, internet, compras básicas, aluguel e a estrutura já existente) a média de custo em apartamento é cerca de 700,00 (geralmente contando só o aluguel, luz, água, telefone e internet), mas para além disso, os vínculos de parceria e apoio nas repúblicas geralmente são maiores ou mais bem estabelecidos onde muitas vezes os moradores de apartamento mal se cumprimentam em casa.

- Por que é o que caracteriza a cidade Ouro Preto, por ser uma cidade Universitária

- Porque as repúblicas oferecem um lugar, geralmente, mobiliado, com boa localidade e é uma oportunidade para conhecer novas pessoas. A UFOP é uma universidade que comporta um grande número de alunos e a maioria destes alunos não são da cidade de Ouro Preto. Não seria sustentável para um aluno que acabou de chegar na cidade bancar um aluguel próximo a universidade.

- Acho importante enquanto ferramenta de socialização. Tem muitos lados ruins, mas a ideia poderia contribuir para cidade se os republicanos respeitassem Ouro Preto

- A vida republicana é parte da cultura de Ouro Preto também. O modo em que essas casas são geridas a mais de um século são de grande importância para uma relativa parte da população que reside/residiu na cidade e que mantém seus vínculos desde o momento em que ingressaram na graduação, pela Universidade Federal de Ouro Preto, até os dias atuais.

- As repúblicas e seus moradores fazem parte da história da cidade. Os estudantes residem na cidade por pelo menos 5 anos e as repúblicas e a integração entre elas permite que eles se sintam acolhidos na cidade.

- Além de fazer parte de algo tradicional e único no país, as repúblicas estudantis ajudam muito na economia da cidade de Ouro Preto e fomento para empregos.

- Importante tanto para o laço do estudante com a cidade.

- As repúblicas criam laços entre os moradores e com a cidade que são duradouros, mesmo após formar no curso. Essa construção é muito simbólica pra quem está envolvido nesse sistema.

- A vida república me ensinou a respeitar as pessoas do jeito que elas são, morar com muitas mulheres é uma lição de vida incrível. A gente cresce e amadurece como pessoa. Tem gente que chega que não sabe varrer casa, fazer arroz, e ensinamos tudo isso na república, ela forma preparada para morar sozinha e viver outras experiências.

- Pois além do turismo, a vida estudantil é quem fomenta a cidade, exemplo claro são os períodos de férias, a cidade morre.

- Pois a república forma pessoas, além de estudantes

- Por causa da Universidade, acredito que essa presença estudantil também movimentava muito a cidade, tanto em turismo, em eventos, na economia em geral também
- A vida republicana ajuda a cidade universitária que está inserida, pensando que economicamente fique mais em conta morar em república além de ter uma vida social com mais interações.
- Na minha opinião, quem realmente precisa das repúblicas ficam de fora das federais, pela forma que são escolhidos os moradores (trotos)
- A presença dos estudantes movimentava a economia e a cidade.
- Considero importante pelo valor mensal, sendo uma oportunidade para pessoas baixa renda.
- Pelo faturamento da cidade.
- Porque movimentava a economia da cidade e traz visibilidade para Ouro Preto em relação à área de turismo e educação.
- Porque faz parte da história e cultura ouropretana

9 - O que você conhece sobre o modo de vida dos estudantes moradores das repúblicas federais de Ouro Preto?

- Sei que eles têm muitas tradições como festas, costumes e hierarquia dentro das casas
- Não conheço muito, não tenho muito contato com as repúblicas ouropretanas.
- Quase nada
- Um pouco extrema a forma de batalhar deles
- Apesar de muitas festas e atividades privadas, as repúblicas federais são importantes organizações no âmbito cultural e de socialização universitária. Contribuindo indiretamente para a manutenção da vida acadêmica ouropretana.

Não tenho muito conhecimento. Sei que cada república tem sua própria organização de casa. Que existe uma diferenciação entre república particular e federal. E que uma república possui outras repúblicas como "amigas", e organizam eventos e confraternizações juntas.

- batalha garrada
- São hierarquicamente organizados, com regras e costumes bem característicos.
- Em algumas delas um pouco estranho
- As sociais, rock's, festa do 12, festa do 21, inauguração de quadrinho, escolha e trotes
- Entendo que estas possuem um modo de viver mais rígido com relação dos moradores e calouros, mas, não vejo isso como em um todo sendo negativo, acredito que algumas tradições ainda existentes, não sendo trotes, são necessárias, para o desenvolvimento, como cobrança de coeficiente e aprovação em matérias para constituição de hierarquia, disciplina de organização nas coisas pessoais (cama, bagunças etc.).
- Sendo moradora de uma república participar notamos a principal diferença no grau e aplicação da cultura republicana onde muitas das atividades desenvolvidas em federais visam criar situações de chacota/exaustão em moradores mais novos, possui um ambiente mais carregado das relações de festas com bebidas e afins, enquanto muitas das repúblicas particulares aplicam a cultura no senso de ensinamento.
- As repúblicas federais são lugares onde os estudantes com uma renda baixa podem viver ao dividir as contas
- Pouco. São repúblicas tradicionais, trazendo vantagens e desvantagens.
- Conheço os abusos de poder, estupros e descaso constante com a cidade e os moradores. Existem ressalvas, óbvio. Mas em geral não é um modo de vida que me parece confortável.
- Tudo!
Desde o modelo de autogestão, à forma que os moradores das repúblicas mantêm viva as tradições como aniversários, a festa do 12, o sistema de batalha (que mesmo aos longos dos anos sofrendo mudanças, graças ao período e épocas em que estão inseridos, mas de modo a manter a sua base), etc....
- Sei que existe uma hierarquia entre os moradores, de acordo com o tempo em que eles estão na casa, que as repúblicas mantêm amizade umas com as outras, fazendo os alunos se sentirem parte de uma família em Ouro Preto e fazem rocks como forms de manter o contato com os amigos

- Existe uma rotina diária dentro da casa que deve ser cumprida para quesito de organização e funcionamento da mesma.
- Tudo, já morei.
- Eu faço parte desse modo, então vivo diariamente todas as dinâmicas envolvidas.
- Eu frequento várias repúblicas federais, e inclusive já morei em uma por 1 ano. Algumas passam dos limites, outras conseguem respeitar seus moradores, claro que sempre existirá vento e cachaça né.
- São bem agitados
- Apoio
- Sei que é muito difícil, pois a batalha é pesada, os "bixos" são obrigados a fazerem diversas tarefas e a irem a rocks e se não fazem o que os moradores mandam, eles correm riscos de serem "catados" da República e conseqüentemente precisam procurar outro lugar para morar. E tudo isso prejudica até o rendimento do aluno na universidade, isso fora o psicológico da pessoa que além de lidar com todas as questões de estudos também tem que lidar com a famosa "batalha psicológica". Acho um absurdo, pois as pessoas procuram nas repúblicas um lugar pra chamar de lar e não um local hostil.
- Como moradora de república federal eu acho importante ressaltar que é uma gestão compartilhada com a UFOP, para além disso o período de adaptação é muito importante para vida republicana. Eu sinto que os estudantes que moram nas repúblicas federais são bem unidos e procuram estar juntos nos mesmos ambientes.
- Acho absurdo o modo como fazem com os calouros.
- Já batalhei em república federal e passei por diversas situações.
- Já morei em república federal por dois anos e meio. Com isso, conheço as tradições (da república onde eu morava), a base do modo de vida era a boa convivência e a alta gestão da associação. A preservação da casa na maior parte das vezes conta com a ajuda de ex-alunos, sendo um ponto positivo e negativo ao mesmo tempo, uma vez que muitos desses ex-alunos são "apegados" a casa, tornando eles a autoridade máxima. O modo de vida, mesmo com as singelas mudanças, ainda conta com a presença de tradições como a da hierarquia, pressão psicológica, entre outros pontos negativos.
- As tradições e hierarquia.

- Festa do 12, calourada, escolha dos moradores, trotes, inauguração de quadrinhos, rocks, sociais, festas de formatura, aniversários de repúblicas

- Sou ex-aluno de uma república fundada em 1958 e temos uma grande rede de ex alunos e amigos da casa. É toda uma atmosfera dos saberes e fazeres que é passada de geração pra geração, e a casa tem uma identidade

- Infelizmente conheço tudo, porque no início da graduação, até mesmo por desconhecimento do que acontecia lá e também por não ter condições financeiras, fiz parte de uma república federal feminina o que não durou um mês pelo tamanho dos absurdos que aconteciam na casa como, por exemplo, trotes físicos e psicológicos. E o pior é a ausência de fiscalização e completo descaso por parte da UFOP

11 - Qual a sua opinião sobre o modo de vida republicano das repúblicas federais se tornarem um patrimônio imaterial de Ouro Preto ?

- Acredito que antes que qualquer decisão seja tomada é preciso que a população seja consultada e que suas opiniões sejam levadas em consideração

- Sendo sincera, a vida universitária já é cultural da cidade, mas a vida republicana não acho que seja algo a se tornar patrimônio imaterial da cidade. Existem tradições dentro desse modo de vida, mas, não se aplicam à comunidade.

- Não tenho opinião formada

- Não tenho opinião

- Concordo com a proposta

- Acredito que fortalecerá a cultura republicana

- Acho interessante e pode ser um ponto de partida para promoção de mais fiscalização no que tange a situações boas ou ruins que ocorrem dentro desses ambientes.

- A gestão consciente e compartilhada acho fundamental

- Penso que tem sua importância para a cidade, mas não a ponto de virar patrimônio imaterial. Pois penso que deveria virar patrimônio imaterial caso representasse a cultura do morador da cidade

- Acho que as repúblicas federais contam muito do porquê Ouro preto é o que é hoje, são tradições desconhecidas para as pessoas de fora que, caso se torna-se patrimônio teriam um leque maior de visibilidade e apreciação.
- Acredito que a discussão sobre deveria ser mais densa e se amparar no processo de criação de um conselho que acompanhe e delibere sobre as práticas desenvolvidas. As ações violentas/desrespeitosas vão além do critério de república federal e particular, é sobre anos de referências em diferentes lugares que se unem a possibilidade de mau caráter. As repúblicas ouropretanas são símbolo de moradia estudantil para muitas outras regiões e são fundamentais para a sobrevivência com o financeiro e o apoio para os moradores, mas como qualquer outro tipo de organização social precisa de regras e acompanhamento, esse que a ufop diz que vai fazer, mas nunca está definitivamente agindo. Cabem aos estudantes também assumirem seu papel de responsabilidade na vida republicana e buscar meios de amparar o sistema para que funcione para seu bem e não como pivô de seu desmoronamento.
- Eu concordo, mas algumas coisas acho que poderiam ser mudadas
- Favorável se houver uma prestação de conta e uma responsabilidade das repúblicas em trazer um retorno positivo para comunidade de ouro preto e estudantes da UFOP.
- Para o modo de vídeo republicano ser patrimônio as repúblicas federais tem que ser um espaço aberto e barato pra todos os estudantes, e não só para aqueles que a aceitam situações horríveis nas batalhas. Além de que não vejo sentido em recompensar um sistema racista e machista, que abusa de mulheres e ridiculariza minorias na mesma frequência em que fazem festa.
- Concordo! É um sistema centenário e que está ligado a cultura estudantil da cidade de Ouro Preto. A cidade vai além de seu patrimônio colonial, e se estende ao sistema estudantil
- Acho que pode ser bom, desde que isso não impeça as repúblicas de mudarem um pouco a forma como elas se organizam em certos pontos, pois alguns deles ainda precisam ser melhorados
- Minha opinião é que com o modo de vida se tornando patrimônio imaterial, assegura dessa tradição nunca se perder e até mesmo a melhoria da vida cotidiana dos estudantes, ademais ser mais justa.
- Positivo.

- É um grande passo, já que é um modelo único e que envolve gerações de alunos da UFOP.
- Acho legal, somos o único lugar do mundo a viver assim. Isso tem que ser eternizado.
- Acho super válido, pois já se tornou tradição em Ouro Preto
- Apoio
- Acho que a história precisa ser contada de ambos os lados, não só a versão de um ex aluno. Tem que contar os pontos negativos também, sem romantizar, pois se romantiza isso acaba ignorando todas as pessoas que já sofreram nesse sistema republicano e saúde mental e universidade é assunto sério, deve ser tratado com cautela. Acho necessário pontuar também a visão real de "bixos" que já batalharam nessas repúblicas.
- Eu acredito que o modo de vida republicano deveria se tornar imaterial seja república federal ou particular.
- Ridículo. Até porque a maioria trazem problema para a população local, com incomodo de barulho por exemplo. E não tem uma fiscalização sobre os inúmeros casos de abusos que acontecem nas repúblicas
- Acredito que se for se tornar patrimônio deveria relatar a realidade como um todo, mostrando partes ruins e boas. Que a verdade seja relatada.
- Como pontuado anteriormente, ainda existem tradições muito ultrapassadas, que vão contra os direitos humanos, sendo ao contrário da importância de um patrimônio imaterial.
- Tudo que faz parte da história, deve sim ser preservado. Nem que seja para evitar erros futuros.
- Não concordo porque não acho o registro desse modo de vida relevante para o patrimônio da cidade.
- Acredito ser totalmente necessário
- É surreal! É absurdo e patético! Cada vez mais vem sendo expostos casos de tortura, estupros, violências, abusos físicos e psicológicos, inclusive recentemente, em 2022, veio à tona o caso menino que ficou EM COMA, e que infelizmente não foi

o primeiro caso de tamanha violência. Não tem condições uma coisa assim se tornar patrimônio!!

13 - Qual o seu sentimento em relação as repúblicas federais e seus moradores?

- Considero que é um sistema muito fechado onde eles só vivem entre eles e acabam por excluir os demais alunos da UFOP que não moram em repúblicas

- Isento.

- Nenhum sentimento

- Não conheço muito

- Por mais que possam ocasionar inconvenientes aos demais moradores ouropretanos, são essenciais para a cidade e constituem a identidade coletiva

- Simpatia

- fico assustado com relatos de calouros, porém não conheço o modo de vida.

- Em sua maioria são estudantes, jovens e com muita vontade de viver experiências que somente Ouro Preto pode proporcionar.

- Tranquilo

- Penso que ainda há certa distância entre eles.

- Acredito que muita coisa já passou da época de ser modificado, mas ao mesmo tempo que constitui história.

- Acredito que encontramos pessoas bem-intencionadas tanto em repúblicas particulares quanto em federais e espero muito em um momento conseguir unificar as partes para visar uma cultura republicana de amparo e união verdadeira.

- Eu acredito que nem todas as repúblicas federais têm uma forma hostil de tratar os estudantes, mas sempre há exceções

- As ideias sobre repúblicas são interessantes, mas por ser público é necessária uma fiscalização por parte dos ex alunos, moradores e calouros para que não exista nenhum abuso.

- Conheço boas repúblicas, com boas pessoas, mas quase todas acreditam ser superiores aos moradores de Ouro Preto

- Não nego, que de forma geral, é um sistema excludente. Porém são peças importantes para a história, cultura, economia, gestão e desenvolvimento do município. O sistema é sim formador de cidadãos e famílias que criam laços inimagináveis com Ouro Preto

- Não tenho nada contra os moradores ou as repúblicas, mas acho que poderia haver maior interação entre eles e o resto da comunidade ouropretana, pois muitas vezes a vida republicana é muito distante dos outros moradores da cidade.

- Em relação às repúblicas federais é um misto de sentimento, pessoas em condição de baixa renda conseguem se estabelecer na cidade de estudo, tendo a oportunidade de formação de uma segunda família e criação de laços e vínculos. Assim como também, nas repúblicas particulares.

- Positivo.

- Alguns ainda possuem atitudes e tradições ultrapassadas e enraizadas, mas atualmente essas atitudes estão sendo cada vez menos toleradas, então futuramente ainda acredito que podem se tornar lugares de harmonia.

- Amor e Ódio.

- Depende muito, algumas repúblicas apresentam convívio meio conturbado, muito puxado, por isso escolhi morar em casa, as vezes na república era complicado

- Apoio

- Acho que tem muitas coisas arcaicas, são tradições, mas os anos mudam, o tempo passa e as necessidades de hoje são diferentes das de um passado. Tem muito o que evoluir, eu acredito.

- Acredito que enfatizar somente repúblicas federais me gera desconforto, pois as tradições em sua maioria mudaram. Porém gostaria de reforçar que as repúblicas particulares e federais deveriam se incluir mais com a comunidade.

- As repúblicas sou contra, acho que deveria ter uma avaliação rigoroso pela Universidade que é quem paga os gastos das repúblicas. Já os moradores se conscientizarem que a prioridade é estudar e não fazer festa.

- Sou imparcial

- Acredito que deveria ser feito uma avaliação socioeconômica dos moradores da república, pois na minha opinião essas casas deveriam abrigar pessoas que realmente precisam.

- Não tenho mais como opinar pois não frequento mais o meio, mas minha experiência é positiva.

- Acho que eles deveriam parar de viver dentro de suas próprias bolhas e fazer algo de útil para a cidade de Ouro Preto, deixando assim de causar impactos negativos para a cidade como se a cidade pertencesse somente a eles e não se importando com os transtornos que causam com suas festas, por exemplo, que não traz nenhum benefício para os moradores.

- Muita coisa ainda precisa ser mudada, tradições históricas que estão relacionadas a práticas que dê certa forma representam o sistema patriarcal e práticas opressivas devem urgentemente serem deixadas de lado

E o espírito de cooperação, fraternidade devem sempre ser levados adiante

- O pior possível. Mesmo tendo vivido apenas um mês em uma, tenho traumas até hoje, e não recomendo para ninguém.